

# As férias do Menino Nicolau

Goscinny e Sempé



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# As férias do Menino Nicolau

Goscinny e Sempé



## **Ficha Técnica**

Título original: *Les Vacances du petit Nicolas*

Autor: Jean-Jacques Sempé, René Goscinny

Capa: Carlos Miranda

Ilustrações: *Sempé*

Tradução: Manuela Torres

Revisão: Rui Augusto

ISBN: 9789722060905

Publicações Dom Quixote

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Éditions Denoël, 1960

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)

[www.leya.com](http://www.leya.com)



Terminou mais um laborioso ano escolar. Nicolau ganhou o prêmio de eloquência, que no caso dele recompensa mais a quantidade do que a qualidade, e despediu-se dos amigos, que são o Alceste, o Rufus, o Eudes, o Godofredo, o Maixent, o Joaquim, o Clotário e o Aguinaldo. Os livros e os cadernos já estão arrumados e agora trata-se de pensar nas férias.

E, em casa do Nicolau, a escolha do lugar onde passar as férias não constitui problema, porque...





## O meu pai é que decide

Todos os anos, ou melhor, o ano passado e no ano anterior, porque antes disso foi há muito tempo e não me lembro, o meu pai e a minha mãe fartam-se de discutir para decidir onde vamos passar as férias, e depois a minha mãe começa a chorar e diz que vai para casa da mãe dela, e eu também choro porque gosto muito da minha avó, mas lá não há praia, e por fim acabamos por ir para onde a minha mãe quer, e não é para a casa da minha avó.

Ontem, depois do jantar, o meu pai olhou para nós com um ar zangado e disse:

— Oíçam bem! Este ano não quero discussões. Sou eu que decido. Vamos para o Sul. Tenho a direção de uma vivenda para alugar na Praia dos Pinheiros. Três quartos, água corrente e eletricidade. Não estou disposto a ir para o hotel e comer uma comida horrorosa.

— Acho uma ótima ideia, querido — disse a minha mãe.

— Porreiro! — disse eu, e desatei a correr à volta da mesa, porque, quando estamos contentes, custa muito ficarmos sentados.

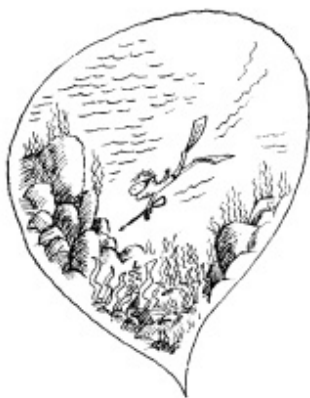
O meu pai abriu muito os olhos, como costuma fazer quando fica admirado, e disse:

— Ai, sim? Bom...

Enquanto a minha mãe levantava a mesa, o meu pai foi ao armário buscar o equipamento de pesca submarina.

— Vais ver, Nicolau — garantiu ele. — Vamos fazer umas pescarias fantásticas.

Eu cá fiquei um bocado assustado, porque ainda não sei nadar muito bem. Se me ajudarem, consigo boiar, mas o meu pai disse-me que não me preocupasse, que ia ensinar-me a nadar, que, quando era mais novo, tinha sido campeão inter-regional de natação livre e que ainda era capaz de bater recordes se tivesse tempo de treinar.



— O pai vai ensinar-me a fazer pesca submarina — disse eu à minha mãe, quando ela veio da cozinha.

— Acho ótimo — respondeu ela. — Mas parece-me que no Mediterrâneo já não há muitos peixes. Há é pescadores a mais.

— Não é verdade — gritou o meu pai. Mas a minha mãe disse -lhe que não a desmentisse diante do pequeno, e que, se afirmava aquilo, era porque tinha lido num jornal. E depois pôs-se a tricotar a camisola que tinha começado já há uma série de dias.



— Mas então, se não há peixes, vamos parecer dois palhaços debaixo de água — disse eu ao meu pai.

O meu pai foi arrumar o equipamento de pesca submarina, sem dizer palavra. Eu não estava lá muito satisfeito, porque todas as vezes que vamos à pesca com o meu pai é sempre a mesma coisa: não apanhamos nada. O meu pai voltou e pôs-se a ler o jornal.

— Então, afinal, onde é que há peixes para a pesca submarina? — perguntei eu.

— Pergunta à tua mãe — respondeu o meu pai. — Ela é que sabe.

— No Atlântico, querido — disse ela.

Eu perguntei se o Atlântico ficava longe do sítio para onde íamos, mas o meu pai respondeu-me que, se eu estudasse mais na escola, não fazia perguntas daquelas, o que não foi muito justo, porque lá na escola não há aulas de pesca submarina. Mas eu cá não disse nada, porque percebi que o meu pai não estava com vontade de falar.

— Temos de fazer uma lista das coisas a levar — disse a minha mãe.

— Ah, não! — exclamou o meu pai. — Este ano não vamos encher o carro como se fosse um camião de mudanças. Fatos de banho, calções, roupas simples, umas camisolas...

— E umas panelas, a cafeteira elétrica, o cobertor vermelho e alguma loiça — acrescentou a minha mãe.

O meu pai levantou-se de um pulo, muito zangado, abriu a boca, mas não chegou a dizer nada, porque a minha mãe se antecipou.

— Lembra-te do que nos contaram os Trigueiros quando alugaram uma casa no ano passado. De loiça só havia três pratos lascados e na cozinha duas panelas pequenas; por sinal, uma delas até estava furada. Tiveram de comprar lá tudo o que precisavam, a um preço exorbitante.

— O Trigueiros não sabe desenrascar-se — disse o meu pai, e voltou a sentar-se.

— É possível — respondeu a minha mãe. — Mas, se quiseres uma sopa de peixe, não posso fazê-la numa panela furada, mesmo que conseguíssemos arranjar o peixe.







Então eu comecei a chorar, porque, no fundo, é verdade, não tem graça nenhuma ir para uma praia onde o mar não tem peixes, enquanto aqui ao pé há o Atlântico, que está cheio deles. A minha mãe largou o tricô-deu-me um abraço e disse-me que eu não devia ficar triste por causa de uns peixes tontos, e que ia ser muito bom quando eu acordasse de manhã e visse o mar da janela do meu quarto.

— Bem, de casa não se vê propriamente o mar — explicou o meu pai. — Mas não fica longe, é mais ou menos a dois quilómetros. Era a única casa que havia para alugar na Praia dos Pinheiros.

— Pois claro, querido — disse a minha mãe. Deu-me um beijo e eu fui brincar no tapete com os dois berlindes que ganhei ao Eudes lá na escola.

— E a praia? É só calhaus? — perguntou a minha mãe.

— Não, senhora! Nada disso — exclamou o meu pai, todo contente. — É uma praia de areia. De areia muito fina. Não há um único calhau nessa praia.

— Ainda bem — disse a minha mãe. — Assim o Nicolau não vai ficar só a lançar seixos para a água. Desde que o ensinaste a atirá-los e a fazê-los saltar, passa o tempo todo a fazer isso.

E eu comecei outra vez a chorar, porque não há dúvida que é giro fazer saltar os seixinhos na água. Às vezes consigo fazer com que eles saltem quatro vezes, e, ao fim e ao cabo, não é justo irmos para essa casa velha, com panelas furadas, longe do mar, não havendo seixos nem peixes.

— Vou para casa da avó! — gritei eu, e dei um pontapé num dos berlindes do Eudes.

A minha mãe voltou a abraçar-me e disse-me que não chorasse, que o meu pai era quem mais precisava de férias e que, mesmo que o sítio para onde ele queria ir não fosse lá muito bonito, devíamos ir, fazendo de conta que gostávamos muito.

— Mas, mas... — disse o meu pai.

— Eu quero brincar com os seixos! — berrei eu.

— Brincas para o ano que vem — disse a minha mãe —, se o teu pai

decidir levar-nos à Praia dos Banhos de Mar.

— Onde? — perguntou o meu pai, que ficou de boca aberta.

— À Praia dos Banhos de Mar — respondeu a minha mãe. — Na Bretanha, junto ao Atlântico, onde há muitos peixes e um hotelzinho bonito sobre uma praia com areia e seixos.

— Eu quero ir para os Banhos de Mar! — gritei eu. — Eu quero ir para os Banhos de Mar!

— Mas, meu amor, temos de ter paciência. Quem decide é o teu pai.

O meu pai passou a mão pelo rosto, deu um grande suspiro e disse:

— Pronto! Já percebi. Como é que se chama esse hotel?

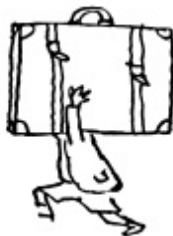
— Costa-Bela, meu querido — respondeu a minha mãe.

O meu pai disse que, sim, senhor, ia escrever para ver se ainda havia quartos vagos.

— Não vale a pena, já está tudo tratado — disse a minha mãe. — Ficamos no quarto 29, com vista para o mar e casa de banho.

E a minha mãe pediu ao meu pai que não se mexesse, porque queria ver se estava boa a altura da camisola que estava a tricotar. Parece que na Bretanha as noites são um bocado frescas.





Depois de o pai do Nicolau ter tomado a sua decisão, só faltava arrumar a casa, resguardar os móveis, enrolar os tapetes, tirar as cortinas, fazer as malas, sem esquecer de levar os ovos cozidos e as bananas para comer pelo caminho.

A viagem de comboio correu muito bem, apesar de a mãe do Nicolau ter levado um raspanete por ter posto o sal para os ovos cozidos na mala castanha que ia no compartimento das bagagens. E, por fim, foi a chegada à Praia dos Banhos de Mar, ao Hotel Costa-Bela. A praia lá está, e as férias podem começar...



## A praia é porreira

**N**a praia divertimo-nos à brava. Fiz imensos amigos: o Blaise, o Frutuoso e o Mamert. Este, então, é mesmo parvo! E o Ireneu, o Fabrício e o Cosme, além do Ivo, que não está de férias, pois mora na região. Brincamos juntos, zangamo-nos, deixamos de nos falar, e é muitíssimo divertido.

— Vai brincar com os teus amigos, mas porta-te bem — disse-me o meu pai esta manhã. — Eu vou descansar e apanhar um banho de sol. — E começou a espalhar protetor solar pelo corpo todo e a dizer, no gozo: — Ah, só de pensar na malta que ficou lá no escritório!

Nós começámos a jogar com a bola do Ireneu.

— Vão brincar para mais longe — disse o meu pai, que tinha acabado de se besuntar, e, zás!, a bola acertou-lhe em cheio na cabeça. O meu pai não gostou nada. Ficou zangado e deu um grande pontapé na bola, que foi cair dentro de água, muito longe. Um chuto do caraças. — Lá isso é verdade —, disse o meu pai. O Ireneu foi a correr e voltou com o pai dele, que é muito alto e muito forte e que vinha com cara de poucos amigos.

— Cá está ele! — disse o Ireneu apontando para o pai.

— Foi você que atirou à água a bola do meu filho? — perguntou o pai do Ireneu ao meu pai.

— Pois fui — respondeu o meu pai. — Mas tinha apanhado com ela na cara.

— As crianças vêm para a praia para se distraírem — respondeu o pai do Ireneu. — Se isso não lhe agrada, fique em casa. Entretanto, tem de ir buscar a bola.



— Não liges — disse a minha mãe ao meu pai. Mas o meu pai preferiu ligar.

— Bom, eu vou buscar essa famosa bola — disse ele.

— Sim, sim — respondeu o pai do Ireneu. — No seu lugar, eu também fazia o mesmo.

O meu pai demorou bastante tempo a ir buscar a bola, que o vento tinha arrastado para longe. Estava com um ar cansado quando entregou a bola ao Ireneu e nos disse:



— Olhem, meninos, eu quero descansar em paz. Em vez de jogarem à bola, porque não brincam a outra coisa?

— E brincamos a quê, diga lá? — perguntou o Mamert. — É tolo, este!

— Sei lá! — respondeu o meu pai. — Façam buracos na areia. É divertido.

Nós achámos que era uma ideia giríssima e fomos buscar as pás, enquanto o meu pai se preparava para se besuntar outra vez, mas não conseguiu, porque já não havia protetor solar no frasco.

— Vou ali à loja comprar outro — disse ele e a minha mãe perguntou-lhe

porque é que ele não sossegava um bocado.



Começámos a fazer um buraco. Um buraco engraçado, largo e fundo. Quando o meu pai voltou com o frasco do protetor solar, eu chamei-o e perguntei-lhe:

— Já viste o nosso buraco, papá?

— É muito bonito — respondeu ele, e ia tentando abrir o frasco com os dentes. E então apareceu um senhor com um boné branco e perguntou quem é que nos dera licença para cavar um buraco naquela praia.

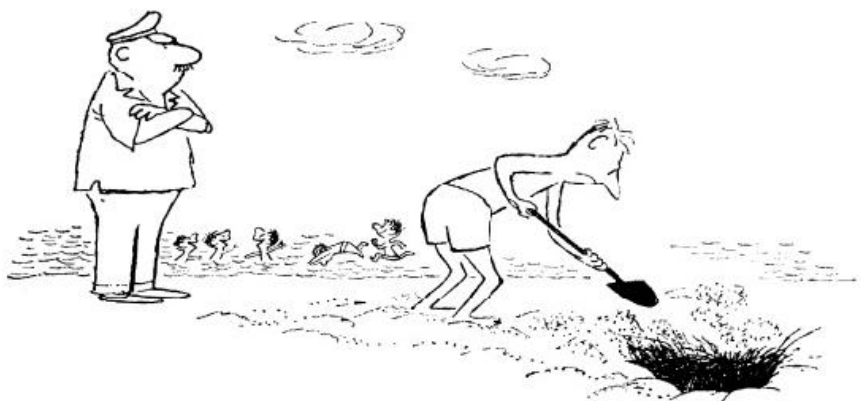
— Foi ele! — disseram os meus amigos, apontando para o meu pai. Eu estava todo orgulhoso, porque pensava que o senhor do boné ia felicitar o meu pai. Mas o senhor não estava com um ar nada satisfeito.

— Você não deve estar bom da cabeça, com certeza, para deixar os miúdos fazerem uma coisa destas!

O meu pai, que continuava a tentar abrir o frasco, perguntou:

— E depois? — E depois o senhor do boné pôs-se aos gritos, a dizer que era incrível, que era preciso ser-se mesmo inconsciente, que as pessoas podiam cair no buraco e partir uma perna, e que, quando a maré subisse, as pessoas que não soubessem nadar iam perder o pé e afogar-se no buraco, que podiam acontecer montes de coisas horríveis por causa daquele buraco e que era preciso tapá-lo.

— Bom — disse o meu pai —, tapem o buraco, meninos.



Mas os meus amigos não queriam tapar o buraco.

— É divertido cavar um buraco, mas é uma chatice tapá-lo — disse o Cosme.

— Vamos ao banho! — gritou o Fabrício.

E foram todos a correr. Eu não fui, porque vi que o meu pai estava com um ar atrapalhado.

— Meninos! Meninos! — gritou o meu pai. Mas o senhor do boné disse:

— Deixe os miúdos em paz e tape-me esse buraco! E foi-se embora.

O meu pai deu um grande suspiro e ajudou-me a tapar o buraco. Como só tínhamos uma pá pequena, levou uma data de tempo, e estávamos quase a acabar quando a minha mãe disse que estava na hora de voltar para o hotel para almoçar, e que tínhamos de nos despachar, porque, quando a gente se atrasa, não nos dão de almoçar no hotel.

— Pega nas tuas coisas, na tua pá, no teu balde, e anda — disse-me a minha mãe. Eu agarrei nas minhas coisas, mas não encontrei o balde.

— Não faz mal, vamos embora — disse o meu pai. Mas eu comecei a chorar.

Um balde lindíssimo, vermelho, que fazia umas formas ótimas.

— Não nos enervemos — disse o meu pai. — Onde é que o puseste?

Eu respondi que se calhar tinha ficado no fundo do buraco que tínhamos acabado de tapar. O meu pai olhou para mim como se quisesse dar-me um açoite, e então eu desatei a chorar ainda mais, e o meu pai disse que, pronto, ele ia buscar o balde, mas que eu parasse de berrar. O meu pai é o mais porreiro do mundo!

Como continuávamos a ter só aquela pazinha, não pude ajudá-lo, e estava a vê-lo cavar, quando se ouve uma voz atrás de nós:

— Ouça lá, está a gozar comigo?

O meu pai deu um grito, olhámos os dois para trás e vimos o senhor do boné branco.

— Acho que já lhe disse que era proibido fazer covas — disse ele.

O meu pai explicou-lhe que estava à procura do meu balde. Então, o

senhor do boné respondeu que estava bem, mas que depois ele tinha de voltar a tapar o buraco. E deixou-se ficar, para vigiar o meu pai.

— Olha, eu vou andando para o hotel com o Nicolau — disse a minha mãe ao meu pai. — Tu depois vais lá ter quando encontrares o balde.

E fomos embora. O meu pai chegou muito tarde ao hotel. Estava cansado, não tinha fome e foi-se deitar. Não tinha encontrado o balde, mas não faz mal, porque eu reparei que me tinha esquecido dele no quarto. À tarde tivemos de chamar um médico, por causa das queimaduras do meu pai.



O senhor doutor disse-lhe que tinha de ficar deitado durante dois dias.

— Não lembra ao diabo ficar assim ao sol sem pôr protetor solar no corpo — disse o médico.

— Ah! Quando penso na malta que ficou lá no escritório!... — disse o meu pai.

Mas já não estava a gozar quando disse isto.







Infelizmente, acontece às vezes na Bretanha o sol desaparecer e ir até ao Sul. É por isso que o gerente do Hotel Costa-Bela está sempre a olhar para o barómetro, que mede a pressão atmosférica dos clientes...



## O animador

**E**stamos a passar férias num hotel. Há a praia e o mar, e é muito divertido, menos hoje, porque está a chover, o que é uma chatice. O pior de tudo, quando chove, é que os adultos não sabem tomar conta de nós, e nós somos insuportáveis, o que só dá encrenca. Tenho uma data de amigos no hotel, o Blaise, o Frutuoso, o Mamert (que é mesmo palerma!), o Ireneu, que tem um pai alto e forte, o Fabrício e o Cosme. São porreiros, mas às vezes não têm juízo. Ao almoço, como era quarta-feira, havia e escalopes, exceto para o pai e para a mãe do Cosme, que pedem sempre extras, e assim comeram lagostins, e então eu disse que queria ir à praia.

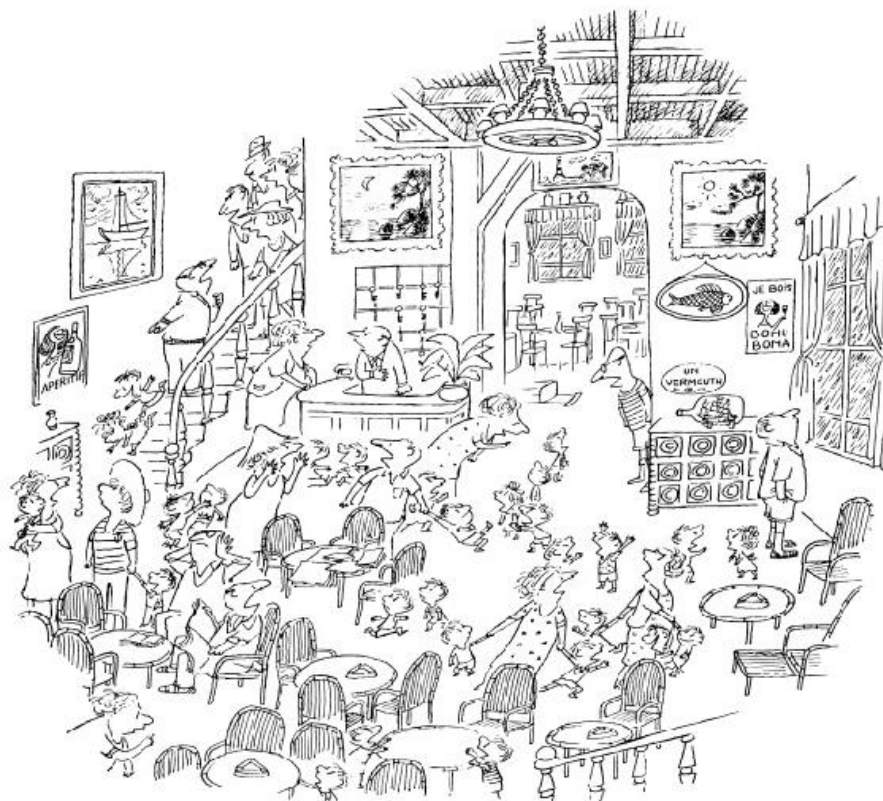
— Não vês que está a chover? Não me maces mais com isso brincas no hotel com os teus amigos — respondeu o meu pai.

Eu disse que não me importava de brincar com os meus amigos, mas na praia, e então o meu pai perguntou-me se eu queria levar um açoite diante de toda a gente, e, como eu não queria, comecei a chorar. Na mesa do Frutuoso também havia um grande berreiro, e a mãe Blaise disse ao pai dele que tinha sido uma linda ideia terem vindo passar férias num sítio onde não parava de chover, e o pai do Blaise pôs-se aos gritos, a dizer que não fora ele quem tivera essa ideia, que a última ideia que ele teve na vida tinha sido a de se casar. A minha mãe disse ao meu pai que não era preciso pôr o miúdo a chorar, o meu pai berrou porque já começava a estar farto daquilo, o Ireneu deixou cair o pudim ao chão e o pai dele deu-lhe uma estalada. Havia uma certa algazarra na sala de jantar, e entretanto apareceu o gerente do hotel, a dizer que ia mandar servir o café no salão e pôr discos, e que tinha ouvido dizer no rádio que no dia seguinte ia fazer imenso sol.



Na sala de estar, o Sr. Lanternas disse:

— Eu encarrego-me dos miúdos! — O Sr. Lanternas é um homem muito simpático, que gosta de dizer piadas muito alto e de meter conversa com toda a gente. Está sempre a dar palmadas nas costas das pessoas, e o meu pai não gostou lá muito disso, mas foi porque tinha uma grande queimadela onde o Sr. Lanternas lhe deu uma palmada. No dia em que o Sr. Lanternas se disfarçou com um cortinado e um abajurogerente do hotel explicou ao meu pai que o Sr. Lanternas era um autêntico animador.



— Não lhe acho graça nenhuma — respondeu o meu pai, e foi-se deitar.

A Sr.<sup>a</sup> Lanternas, que está de férias com o Sr. Lanternas, nunca diz nada e tem um ar um bocado cansado. O Sr. Lanternas pôs-se em pé, levantou o braço e gritou:

— Meninos! Às minhas ordens! Todos em fila indiana! Prontos? Sala de jantar, em frente, marche! Um, dois, um, dois, um, dois! — E o Sr. Lanternas avançou para a sala de jantar, regressando logo a seguir, bastante descontente. E perguntou então porque é que ninguém o tinha seguido.

— Porque nós — respondeu o Mamert (que palerma!) — queremos ir brincar para a praia.

— Não, senhor, nada disso — retorquiu o Sr. Lanternas. — É preciso ser mesmo maluco para querer ir para a praia com esta chuva e ficar todo encharcado! Venham comigo, vamos divertir-nos muito mais do que na praia. Garanto -vos, depois vão querer que chova o tempo todo!

E o Sr. Lanternas começou a dar grandes gargalhadas.

— Vamos? — perguntei eu ao Ireneu.



— Ora! — respondeu o Ireneu, e acabámos por ir com os outros.

Na sala de jantar, o Sr. Lanternas afastou as mesas e as cadeiras e disse que íamos jogar à cabra-cega.

— Quem é que fica? — perguntou o Sr. Lanternas, e nós respondemos-lhe que quem ficava era ele, e então ele disse: — Bom — e pediu que lhe tapássemos os olhos com um lenço, mas, quando viu os nossos lenços, preferiu usar o dele. De pois esticou os braços para a frente e começou a gritar: — Uh, vou-vos apanhar, uh-uh! — e dava grandes gargalhadas.

Eu cá sou formidável a jogar às damas, por isso é que me deu vontade de rir quando o Blaise disse que ganhava sempre a jogar às damas, que até era campeão. O Blaise não gostou que eu me risse e disse que, já que eu era tão esperto, íamos tirar a prova, e fomos à sala de estar pedir ao gerente do hotel o jogo de damas, e os outros foram atrás de nós para ver quem é que ganhava. Mas o gerente do hotel não quis emprestar-nos o jogo, disse que era só para pessoas crescidas, e que íamos perder-lhe as pedras. Estávamos para ali a discutir, quando ouvimos um vozeirão atrás de nós:

— Não vale sair da sala de jantar! — Era o Sr. Lanternas que vinha à

nossa procura e que nos encontrou porque já não tinha os olhos vendados. Estava todo vermelho e a voz tremia-lhe um pouco, como a do meu pai daquela vez que me viu fazer bolas de sabão com o seu cachimbo novo.

— Bom, já que os vossos pais foram fazer a sesta, vamos ficar na sala de estar a brincar, mas com juízo. Conheço um jogo fantástico: agarramos todos num lápis e num papel, e eu digo uma letra e temos de escrever cinco nomes de países, cinco nomes de animais e cinco nomes de cidades. Quem perder tem de pagar uma multa.



O Sr. Lanternas foi buscar papel e lápis, e nós fomos para a sala de jantar brincar aos autocarros com as cadeiras. Quando o Sr. Lanternas veio ter connosco, acho que estava um bocado zangado.

— Todos para a sala! — berrou ele. — Vamos começar pela letra «A». Mãos à obra! — E pôs-se a escrever incrivelmente depressa.

— Partiu o bico do lápis, não é justo! — exclamou o Frutuoso, e o Fabrício gritou:

— O Cosme está a copiar!

— Não é verdade, grande mentiroso! — retorquiu o Cosme, e o Fabrício deu-lhe um estalo. O Cosme ficou um bocado espantado e depois desatou aos pontapés ao Fabrício, e depois o Frutuoso quis tirar-me o lápis precisamente quando eu ia escrever «Áustria», e eu dei-lhe um murro no nariz, e então o Frutuoso fechou os olhos e desatou à estalada a toda a gente (o Ireneu apanhou uma), entretanto, o Mamert perguntava aos gritos:

— Eh, malta, Asnières é um país?

Fazíamos uma algazarra dos diabos e era tão divertido como no recreio, quando, de repente, , cai um cinzeiro no chão. O dono do hotel veio a correr, pôs-se a ralhar connosco e os nossos pais e as nossas mães apareceram na sala e zangaram-se connosco e com o gerente do hotel. O Sr. Lanternas, entretanto, tinha desaparecido.

Foi a Sr.<sup>a</sup> Lanternas que o encontrou ao fim da tarde, à hora do jantar. Parece que o Sr. Lanternas tinha passado a tarde sentado na praia, no meio da chuva.

E não há dúvida de que o Sr. Lanternas é um grande animador, porque o meu pai quando o viu regressar ao hotel riu tanto que nem conseguiu comer. Isto apesar de o jantar, à quarta-feira, ser sopa de peixe!





Do Hotel Costa-Bela tem-se uma vista para o mar quando nos pomos em pé na borda da banheira, mas é preciso ter cuidado para não escorregarmos. Quando está bom tempo, e se não tivermos escorregado, distingue-se nitidamente a misteriosa ilha das Brumas, onde, segundo uma brochura editada pela Secretaria do Turismo, o Máscara de Ferro terá ficado prisioneiro. É possível visitar a cela que ele terá ocupado e comprar recordações no bufete.



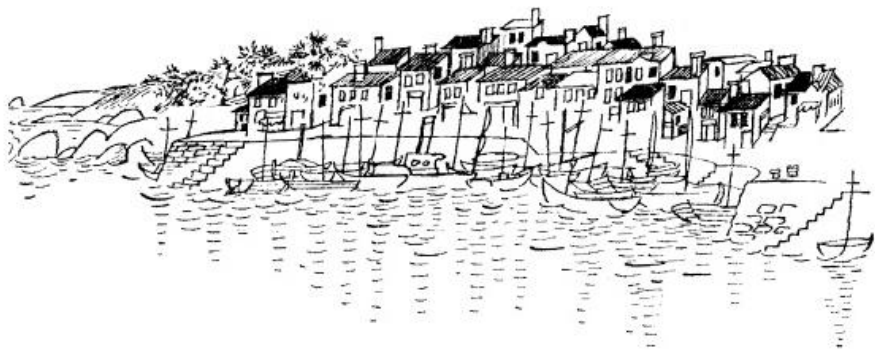


## A Ilha das Brumas

É porreiro, porque vamos fazer uma excursão de barco. O Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Lanternas também vêm, o que não agradou muito ao meu pai, porque, acho eu, não gostou muito do Sr. Lanternas. Não sei porquê. O Sr. Lanternas, que está a passar férias no mesmo hotel que nós, é muito engraçado e procura sempre divertir as pessoas. Ontem entrou na sala de jantar com um nariz postiço e um grande bigode e disse ao dono do hotel que o peixe não estava fresco. Eu cá achei um piadão. A certa altura, a minha mãe disse à Sr.<sup>a</sup> Lanternas que íamos fazer uma excursão à Ilha das Brumas, e o Sr. Lanternas disse logo:

— Excelente ideia! Nós vamos com vocês, assim não correm o risco de se aborrecerem.

E depois o meu pai disse à minha mãe que ela não devia ter dito aquilo, e que agora aquele animador de pacotilha ia estragar-nos o passeio.



Saímos do hotel de manhã, com uma cesta de piquenique cheia de escalopes frios, sanduíches, ovos cozidos, bananas e cidra. Era porreiro. E, então, apareceu o Sr. Lanternas com um boné de marinheiro (eu quero um igual ao dele) e gritou:

— Tripulação! Prontos para o embarque? Em frente! Um, dois, um, dois, um, dois!

O meu pai disse qualquer coisa em voz baixa, e a minha mãe olhou para ele, abrindo muito os olhos.

No porto, quando vi o barco, fiquei um tanto decepcionado, porque era pequeno. Chamava-se *Joaninha* e o capitão tinha uma cabeça enorme e vermelhusca, com um gorro em cima, e não tinha uma farda cheia de dragonas douradas, como eu esperava, para contar à malta lá na escola quando acabassem as férias mas não tem importância, conto à mesma. Afinal, o que há de mal?

— Então, capitão, tudo a postos a bordo? — perguntou o Sr. Lanternas.

— São vocês os turistas para a Ilha das Brumas? — perguntou o capitão. E lá subimos para o barco. O Sr. Lanternas ficou de pé e berrou:

— Largar amarras! Içar velas! Em frente, zarpar!

— Não balance tanto — disse o meu pai. — Ainda vamos todos parar dentro de água!

— Sim, tenha cuidado, senhor Lanternas — pediu a minha mãe. Deu uma risadinha e apertou-me a mão com força, dizendo que não tivesse medo. Mas eu, como hei de dizer lá escola, nunca tenho medo.

— Não tenha receio, minha senhora — disse o Sr. Lanternas à minha mãe.

— Quem lho diz é um velho marinheiro.

— Você foi marinheiro? — perguntou o meu pai.

— Não — respondeu o Sr. Lanternas. — Mas lá em casa tenho um pequeno veleiro dentro de uma garrafa, em cima da chaminé. — E deu uma gargalhada e uma palmada nas costas do meu pai.



O capitão não içou as velas, como tinha recomendado o Sr. Lanternas, porque o barco não tinha velas. Tinha um motor que fazia *pot-pot-pot* e que cheirava como o autocarro que passa à porta da nossa casa. Saímos do porto e havia pequenas vagas, o barco balançava e era giro a valer.

— O mar vai estar calmo? — perguntou o meu pai ao capitão. — Não vai haver tempestade?

O Sr. Lanternas pôs-se a gozar.

— Você está com medo de enjoar! — disse ele ao meu pai.

— Enjoar? — retorquiu o meu pai. — Está a brincar comigo. Eu cá sei manter-me firme num barco que balança. Aposto que você enjoa primeiro do que eu, Lanternas.

— Apostado! — gritou o Sr. Lanternas, e deu uma grande palmada nas costas do meu pai, e o meu pai fez uma cara de quem lhe apetecia dar uma palmada na cara do Sr. Lanternas.

— O que é enjoar, mãe? — perguntei eu.

— Vamos falar de outra coisa, se não te importas — respondeu a minha mãe.

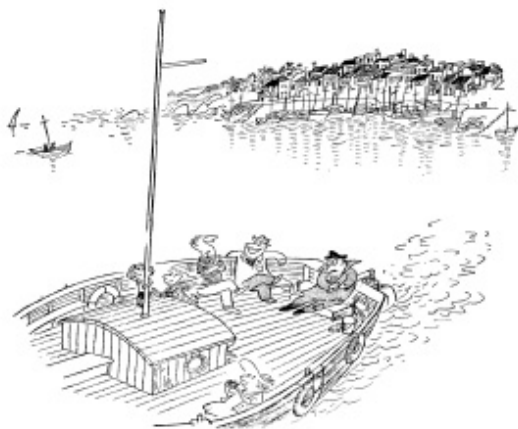
As ondas tornavam-se cada vez maiores e era cada vez mais giro. Do ponto de onde nós estávamos via-se o hotel, que parecia muito pequenino, e eu reconheci a janela que dava para a nossa banheira, porque a minha mãe

tinha deixado o fato de banho vermelho a secar. Parece que a viagem para a ilha das Brumas demora uma hora. É uma viagem incrível!

— Olhe lá — disse o Sr. Lanternas para o meu pai —, lembrei-me de uma história que vai diverti-lo. É assim: dois vagabundos queriam comer esparguete...

Infelizmente não consegui ouvir o resto da história, porque o Sr. Lanternas contou-a ao ouvido do meu pai.

— Não está mal — disse o meu pai. — E você conhece aquela do médico que vai tratar de um caso de indigestão? — E como o Sr. Lanternas não conhecia, o meu pai contou-lha ao ouvido. Parecem parvos, os dois! A minha mãe não prestava atenção, olhava em direção ao hotel. A Sr.<sup>a</sup> Lanternas, como de costume, não dizia nada. Tem sempre um ar um pouco cansado.



À nossa frente estava a Ilha das Brumas, ainda longe e muito bonita, envolta na espuma branca das ondas. Mas o Sr. Lanternas não olhava para a ilha. Olhava para o meu pai e, que raio de ideia, fez absoluta questão de lhe contar o que tinha comido num restaurante antes de ir de férias. E o meu pai, que geralmente não gostava de conversar com o Sr. Lanternas, contou-lhe tudo o que tinha comido na primeira comunhão. Aqueles dois começaram a dar-me fome com aquelas histórias. Quis pedir à minha mãe que me desse um ovo cozido, mas ela não me ouviu, porque tinha tapado os ouvidos com as mãos, sem dúvida por causa do vento.

— Você está com um ar muito pálido — disse o Sr. Lanternas ao meu pai. — O que lhe fazia bem agora era uma boa tigela de banha de carneiro morna.

— Sim — respondeu o meu pai —, não é mau com ostras cobertas de chocolate quente.

A Ilha das Brumas estava agora mais perto.

— Estamos quase a desembarcar — disse o Sr. Lanternas ao meu pai. — Era capaz de comer agora um escalope frio ou uma sanduíche, antes de sair do barco?

— Claro que sim — respondeu o meu pai, com grande vontade. E agarrou na cesta de piquenique, voltando-se depois para o capitão. — Vai uma

sanduíche antes de acostar, capitão? — perguntou o meu pai.

Bem, nunca chegámos a desembarcar na Ilha das Brumas, porque, quando viu a sanduíche, o capitão ficou muito branco e tivemos que voltar para o porto a toque de caixa.



Chegou à praia um novo professor de ginástica, e todos os pais se apressaram a inscrever os filhos na aula dele. Na sua sabedoria de pais, pensaram que ocupar os filhos todos os dias durante uma hora só podia fazer bem a toda a gente.



## A ginástica

Ontem apareceu o novo professor de ginástica. — Chamo-me Heitor Duval — disse-nos ele. — E vocês?

— Nós não — respondeu o Fabrício, e desatámos a rir.

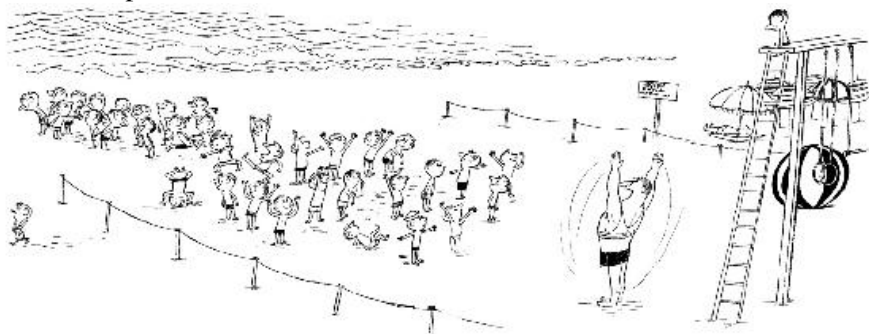
Eu estava na praia com todos os outros meninos do hotel, o Blaise, o Frutuoso, o Mamert (que é mesmo palerma), o Ireneu, o Fabrício e o Cosme. Havia muitos outros meninos para a aula de ginástica, mas esses eram do Hotel do Mar e do Hotel da Praia, e nós, os da Costa-Bela, não gostamos deles.

Quando parámos de rir, o professor dobrou os braços e fez duas grandes batatas de músculos.

— Gostavam de ter uns bíceps assim? — perguntou o professor.

— Ora! — resmungou o Ireneu.

— Eu não acho bonito — disse o Frutuoso, mas o Cosme disse que, afinal, porque não? ele não se importava de ter umas coisas daquelas para impressionar a malta lá na escola. O Cosme irrita-me, está sempre a querer exhibir-se. O professor disse:



— Bom, se se portarem bem e não faltarem às aulas de ginástica, todos vocês terão músculos assim quando voltarem para a escola.

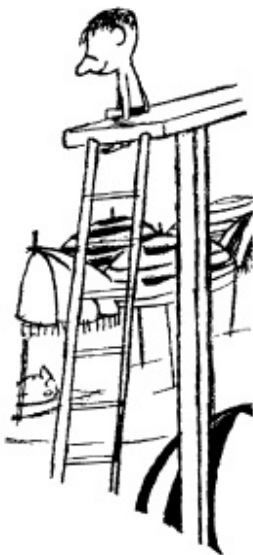
Depois o professor mandou-nos pôr em fila, e o Cosme disse-me:

— Aposto que não sabes dar cambalhotas como eu. — E deu uma

cambalhota.

A mim deu-me vontade de rir, porque sou um ás a dar cambalhotas, e mostrei-lhe como era.

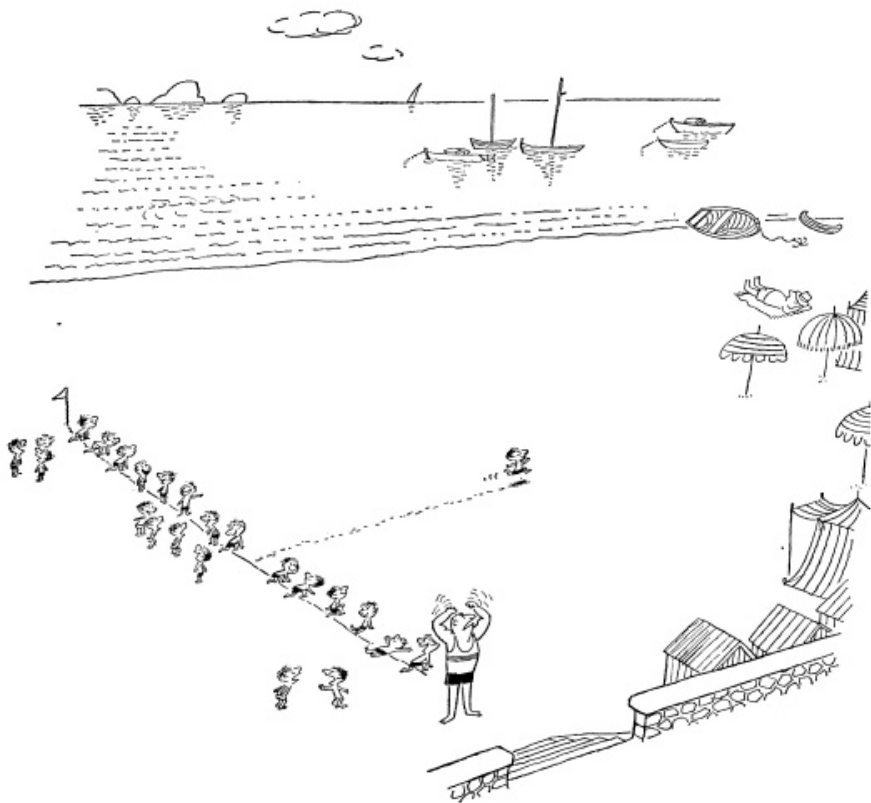
— Eu também sei! Eu também sei! — gritou o Fabrício, mas esse não sabia. Quem dava bem era o Frutuoso, muito melhor do que o Blaise, em todo o caso. Estávamos todos ali a dar cambalhotas por todo o lado, quando ouvimos uma série de apitadelas.



— Querem acabar com isso? — berrou o professor. — Mandei-vos pôr em fila, têm todo o dia para fazer palhaçadas!

Lá nos pusemos em fila para não criar problemas, e, então, o professor disse que ia mostrar-nos o que tínhamos de fazer para ficarmos cheios de músculos. Levantou os braços e baixou-os, levantou-os e baixou-os, levantou-os, e um dos miúdos do Hotel do Mar disse que o nosso hotel era feio.





— Mentira! — gritou o Ireneu. — O nosso hotel é giríssimo, o vosso é que é feio!

— No nosso — disse um puto do Hotel da Praia — há sempre gelado de chocolate ao jantar!

— Ora! — respondeu um dos do Hotel do Mar. — Nós também temos ao almoço, e na quinta-feira havia crepes com doce!

— O meu pai pede sempre extras — declarou o Cosme — e o gerente do hotel dá-lhe tudo o que ele quer!

— Mentiroso, não dá nada — disse um dos do Hotel da Praia.

— Ainda vai durar muito, essa discussão? — berrou o professor de ginástica, que já não mexia os braços porque os tinha cruzado. As narinas dele é que mexiam muito, mas não acho que fazendo aquilo se fique com músculos.



O professor passou a mão pela cara e disse que depois se veria quanto ao movimento dos braços e que, para começar, íamos fazer uns jogos. É porreiro, o professor!

— Vamos fazer umas corri das — disse ele. — Ponham-se ali em fila. Quando eu apitar, começam a correr. O primeiro que chegar lá ao fundo, ao guarda-sol, é o vencedor. Estão prontos?

E deu uma apitadela. O único que se pôs a correr foi o Mamert, porque nós ficámos a ver a concha que o Fabrício tinha encontrado na praia, e o Cosme explicou-nos que no outro dia tinha encontrado outra muito maior e que ia oferecê-la ao pai para ele fazer um cinzeiro. Então, o professor atirou com o apito para o chão e deu-lhe uma série de pontapés. A última vez que vi alguém tão zangado foi lá na escola, quando o Aguinaldo que é o melhor aluno e o menino querido da professora, soube que tinha ficado em segundo lugar na prova de aritmética.

— Vocês vão obedecer-me ou não? — berrou o professor.

— Bem, nós íamos entrar na sua corrida, mas não há pressa — respondeu o Fabrício.



O professor fechou os olhos e cerrou os punhos, e depois levantou para o céu os buracos do nariz, que estavam a tremer. Quando voltou a baixar a cabeça, começou a falar muito devagar e com muita calma.

— Bom — disse ele. — Vamos voltar ao princípio. Preparem-se para a partida.

— Ah! — gritou o Mamert. — Não é justo! Fui eu que ganhei, fui o primeiro a chegar ao guarda-sol. Não é justo e vou dizer ao meu pai! — E pôs-se a chorar e a dar pontapés na areia, e depois disse que, já que era assim, ia-se embora. E lá foi ele a chorar, e eu acho que ele fez bem em ir-se embora, porque o professor estava a olhar para ele com a mesma cara com que o meu pai olhou para o guisado que nos serviram ontem ao jantar.

— Meninos! — disse o professor. — Meus meninos, quem não fizer o que eu mandar... apanha um açoite que não vai esquecer tão cedo!

— Não tem o direito de fazer isso! — disse um dos putos. — Só o meu pai, a minha mãe, o meu tio e o meu avô é que têm o direito de me dar açoites.

— Quem é que disse isso? — perguntou o professor.

— Foi este — respondeu o Fabrício, apontando para um dos putos do Hotel da Praia, um puto muito baixinho.

— Não fui nada, mentiroso — refilou o puto baixinho, e o Fabrício atirou-lhe areia para a cara, mas o puto baixinho deu-lhe um estalo do caraças. Eu cá acho que o puto baixinho já deve ter feito ginástica, e o Fabrício ficou tão espantado que até se esqueceu de chorar. Então começámos todos à porrada, mas os do Hotel do Mar e os do Hotel da Praia são uns traidores.

Quando acabou a pancadaria, o professor, que estava sentado na areia, levantou-se e disse:

— Bom, vamos passar ao jogo seguinte. Todos voltados para o mar. Quando eu der o sinal, vai toda a gente para a água! Estão prontos? Já!

Ora aí estava uma coisa que nos agradava. Na praia, o que há de melhor, além da areia, é o mar. Desatámos a correr e a água estava ótima. Salpicámo-

nos uns aos outros e brincámos a saltar as ondas, e o Cosme gritava:

— Olhem só para mim! Olhem só para mim! Estou a fazer *crawl*! — e quando nos voltámos vimos que o professor se fora embora.

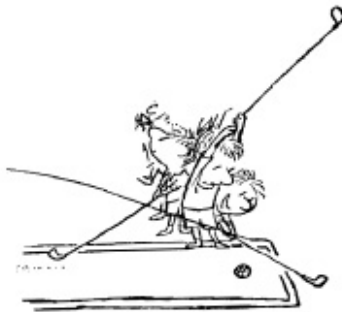
E hoje apareceu um novo professor de ginástica.

— Chamo-me Júlio Martins — disse ele. — E vocês?





As férias continuam a decorrer agradavelmente, e o pai de Nicolau não tem nada a censurar ao Hotel Costa-Bela, a não ser o guisado, sobretudo daquela vez em que encontrou uma concha lá dentro. Como por agora não há professor de ginástica, os garotos procuram outras atividades para descarregar o excesso de energias...



## O minigolfe

Hoje resolvemos ir jogar minigolfe, cujo campo fica ao lado do quiosque. É giríssimo, o minigolfe.

Vou explicar-vos como é: há dezoito buracos e temos bolas e tacos, e é preciso enfiar as bolas nos buracos num mínimo de tacadas possível. Para chegar aos buracos temos de passar por castelinhos, ribeiros, ziguezagues, montanhas, escadas, uma coisa terrível. Só o primeiro buraco é que é fácil.

O que é chato é que o homem do minigolfe só nos deixa jogar se formos com um adulto. Então eu, o Blaise, o Frutuoso, o Mamert (que grande palerma!), o Ireneu, o Fabrício e o Cosme fomos pedir ao meu pai que viesse jogar minigolfe connosco.

— Não — disse o meu pai, que estava na praia a ler o jornal.

— Vá lá, seja camarada. É só uma vez! — insistiu o Blaise.

— Vá lá! Vá lá! — gritaram os outros, e eu comecei a chorar e disse que, já que não podia jogar minigolfe, ia buscar uma bicicleta e ia-me embora, para tão longe que nunca mais me voltavam a ver.

— Não podes fazer isso — disse o Mamert (mas que parvo!). — Para alugar uma bicicleta é preciso ir com um adulto.

— Ora! — respondeu o Cosme, que me irrita, porque está sempre a exhibir-se.

— Eu cá não preciso de bicicleta, posso ir para muito longe a fazer *crawl*.

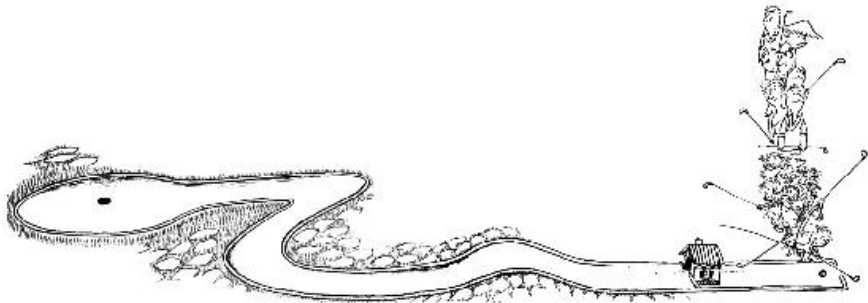
Estávamos todos ali à volta do meu pai a discutir, até que ele amarrotou o jornal, atirou-o para a areia e disse:

— Pronto, está bem, eu levo-vos ao minigolfe.

O meu pai é o mais porreiro do mundo. Foi isso mesmo que eu lhe disse, e dei-lhe um beijo.

Quando nos viu, o homem do minigolfe não estava com muita vontade de nos deixar jogar. Mas nós começámos a gritar:

— Vá lá! Deixe lá! — E ele lá concordou, mas recomendou ao meu pai que tomasse conta de nós.



Iniciámos a partida, no primeiro buraco, aquele que é muito fácil, e o meu pai, que sabe imensas coisas, mostrou-nos como se fazia para segurar no taco.

— Eu sei como é! — gritou o Cosme e quis começar a jogar, mas o Fabrício disse-lhe que não havia razão nenhuma para ele ser o primeiro.

— Basta seguirmos a ordem alfabética, como na escola, quando a professora nos interroga — disse o Blaise. Mas eu não estava de acordo, porque Nicolau fica muito lá para o fim do alfabeto, e na escola convém, mas no minigolfe não é justo. E, então, o homem do minigolfe veio dizer ao meu pai que tínhamos de começar a jogar, porque havia gente à espera para jogar também.

E o Mamert veio, deu uma tacada incrível na bola, que saltou por cima da grade e foi bater num carro que estava

estacionado na rua. O Mamert pôs-se a chorar e o meu pai foi buscar a bola.

O meu pai demorou-se um bocado, porque no carro estacionado havia um senhor, e o senhor saiu do carro e começou a falar com o meu pai, fazendo muitos gestos, e entretanto vieram mais pessoas, que ficaram a olhar para eles e a gozar.

Nós queríamos, continuar a jogar, mas o Mamert tinha-se sentado em cima do buraco, e chorava e dizia que não se levantava enquanto não lhe devolvessem a bola e que nós éramos uns mauzões. Então, chegou o meu pai, que não estava nada contente.

— Vejam lá se têm mais cuidado — disse ele.

— Está bem — disse o Mamert. — Dê cá a bola.

Mas o meu pai não a quis dar, e disse que ficava para outra vez. O Mamert não gostou daquilo e desatou a dar pontapés por toda a parte e a gritar que toda a gente abusava dele e que, já que era assim, ia chamar o pai dele. E foi-se embora.

— Bem, agora sou eu — disse o Ireneu.

— Não, senhor — disse o Frutuoso. — Eu é que vou jogar.

Então o Ireneu bateu com o taco na cabeça do Frutuoso, e o Frutuoso deu um estalo ao Ireneu e o homem do minigolfe veio logo a correr.

— Ouça lá, tire-me daqui esta garotada — disse ele ao meu pai. — Há pessoas à espera para jogar!

— Veja lá se é mais educado — respondeu o meu pai. — Estes miúdos

pagaram para jogar e vão jogar!

— Bravo! É assim mesmo! — disse o Fabrício ao meu pai. E toda a malta defendia o meu pai, menos o Frutuoso e o Ireneu, que estavam entretidos a dar tacadas e estalos um ao outro.

— Ai é assim? — disse o homem do minigolfe. — E se eu chamar a polícia?

— Pois chame! — respondeu o meu pai. — Veremos quem tem razão.

E então o homem do minigolfe foi chamar o polícia de serviço.

— Luciano! — chamou o homem do minigolfe. E lá veio o polícia.

— O que é que foi, Ernesto? — perguntou o polícia. — Está aqui um indivíduo que não deixa os outros jogar — respondeu o homem do minigolfe.

— Pois é — disse um senhor —, estamos aqui há meia hora à espera para fazer o primeiro buraco!

— Na sua idade, o senhor não tem coisas mais interessantes para fazer? — perguntou o meu pai.

— Essa é boa! Se você não gosta de minigolfe, os outros não têm culpa — respondeu o homem do minigolfe.

— A propósito, há bocado um senhor apresentou queixa, porque uma bola de minigolfe lhe riscou a pintura do carro — disse o polícia.

— Então, como é, podemos ou não fazer o primeiro buraco? — perguntou o senhor que estava à espera. Entretanto chegou o Mamert com o pai dele.

— É aquele! — disse o Mamert ao pai dele, apontando para o meu pai.

— Ouça lá — disse o pai do Mamert —, então você não quer deixar o meu filho jogar com os amigos?

Então o meu pai desatou a gritar, o homem do minigolfe desatou também a gritar, toda a gente gritava e o polícia dava apitadelas, e por fim o meu pai veio-se embora connosco, e o Cosme estava bastante aborrecido, porque dizia que, enquanto toda a gente estava distraída, ele conseguira acertar no buraco à primeira, mas eu cá tenho a certeza de que é pura invenção.

Como nos divertimos muito no minigolfe, resolvemos voltar no dia seguinte para tentar o segundo buraco.

O que não sei é se o meu pai estará disposto a vir.







Não, o pai de Nicolau nunca mais quis voltar a pôr os pés no minigolfe. Ficou até com uma grande aversão a esse jogo, quase tanta como pelo guisado do Hotel Costa-Bela. A mãe do Nicolau disse que não valia a pena fazer escândalo por causa do guisado, e o pai do Nicolau respondeu que, pelo preço que cobravam, o que era escandaloso era servirem coisas daquelas. E o pior é que, para complicar as coisas, começou outra vez a chover...



## O jogo das lojas

O que acontece com as raparigas é que elas não sabem brincar, estão sempre a chorar e só arranjam sarilhos. Aqui no hotel há três.

As três raparigas que estão no hotel chamam-se Isabel, Miquelina e Gisela. A Gisela é irmã do meu amigo Fabrício, e os dois estão sempre à pancada. O Fabrício explicou-me que era uma maçada ter como irmã uma rapariga e que, se as coisas continuassem assim, ia fugir de casa.

Quando está bom tempo e vamos para a praia, as raparigas não nos aborrecem. Brincam a coisas estúpidas, fazem imensas forminhas, contam histórias umas às outras e, depois, pintam as unhas com lápis vermelho. Nós, rapazes, fazemos coisas incríveis quando estamos juntos. Fazemos corridas, damos cambalhotas, jogamos à bola, nadamos, lutamos uns com os outros. Coisas interessantes.

Mas, quando está mau tempo, o caso muda de figura, porque temos de ficar juntos no hotel. E ontem estava mau tempo, não parou de chover todo o dia. Depois do almoço (havia *ravioli*, que é uma coisa muito melhor do que o guisado) os nossos pais foram fazer a sesta. Eu, o Blaise, o Frutuoso, o Mamert, o Ireneu, o Fabrício e o Cosme, todos cá do hotel, tínhamos ido para a sala de estar jogar às cartas, muito sossegados. Não estávamos a fazer palhaçadas, porque quando chove os nossos pais perdem a paciência. E, durante estas férias, eles perderam a paciência muitas vezes.



E foi então que as três raparigas entraram na sala.

— Queremos jogar com vocês — disse a Gisela.

— Deixa-nos em paz, Zelinha, senão apanhas um estalo — respondeu-lhe

o Fabrício. E a Gisela não gostou.

— Se não nos deixares jogar com vocês, sabes o que é que eu faço, Fafá? — perguntou a Gisela. — Vou fazer queixa ao papá e à mamã e tu vais ser castigado, os teus amigos vão ser castigados e ficam sem sobremesa.

— Está bem — disse o Mamert (mas que grande palerma que ele é) —, podem jogar connosco.

— Ninguém falou contigo — respondeu o Fabrício. Então o Mamert começou a chorar e a dizer que não queria ser castigado, que não era justo e que se matava se ficasse sem sobremesa. Nós estávamos aflitos, porque com a barulheira que o Mamert estava a fazer ainda ia acabar por acordar os nossos pais.

— Então, o que fazemos? — perguntei eu ao Ireneu.

— Ora! — respondeu o Ireneu, e decidimos deixar as raparigas jogar connosco.

— A que é que vamos jogar? — perguntou a Miquelina, uma gorda que me faz lembrar o Alceste, um miúdo lá da escola que passa o tempo a comer.

— Vamos brincar às lojas — disse a Isabel.

— Estás maluca, ou quê? — gritou o Fabrício.

— Está bem, Fafá — respondeu a Gisela. — Eu vou acordar o papá. E tu sabes como é o papá quando o acordam!

Então o Mamert pôs-se a chorar e disse que queria jogar às lojas. O Blaise declarou que preferia ir ele próprio acordar o pai do Fabrício a jogar às lojas. Mas o Frutuoso disse que lhe parecia que ao jantar ia haver gelado de chocolate, portanto acabámos por dizer que sim.



A Gisela pôs-se atrás de uma mesa e sobre a mesa pôs as cartas e os cinzeiros e disse que ia fazer de vendedeira e que as coisas que estavam na mesa eram a mercadoria que ela ia vender e que nós tínhamos de comprar-lhe coisas.

— Pois — disse a Miquelina. — E eu era uma senhora muito bonita e muito rica, com carro e muitas peles.

— Pois — disse a Isabel —, e eu era outra senhora, ainda mais rica e mais bonita, com um carro de estofos vermelhos, como o do tio Jean-Jacques, e sapatos de salto alto.

— Pois — disse a Gisela —, e o Cosme era o marido da Miquelina.

— Não quero — refilou o Cosme.

— E não queres porquê? — perguntou a Miquelina.

— Porque acha que és muito gorda, ora aí está! — disse a Isabel. — Ele prefere ser meu marido.

— É mentira! — berrou a Miquelina, e deu uma estalada no Cosme, e o Mamert desatou a chorar. Para ver se ele se calava, o Cosme disse que era o marido de qualquer uma.



— Bom, então vamos brincar — disse a Gisela. — Nicolau, tu eras o primeiro cliente, mas como eras muito pobre, não tinhas dinheiro para comprar comida. Então eu era muito generosa e deixava-te levar coisas sem pagar. — Eu cá não brinco — declarou a Miquelina. — Depois do que a Isabel disse, nunca mais falo com ninguém.

— Ah! Com que então, a menina amua — respondeu-lhe a Isabel. — Pensas que eu não sei o que disseste de mim à Gisela, nas minhas costas?

— Mentirosa! — gritou a Miquelina. — Depois de tudo aquilo que me disseste da Gisela!

— Que é que disseste de mim à Miquelina, Isabel? — perguntou a Gisela.

— Nada, não disse nada de ti à Miquelina — respondeu a Isabel.

— É preciso ter lata! — gritou a Miquelina. — Disseste-me diante da montra que tinha aquele fato de banho preto com florzinhas cor-de-rosa, que com certeza me ficava muito bem, lembra-te?

— É mentira! — berrou a Isabel. — Mas a Gisela contou-me o que tu lhe tinhas dito de mim lá na praia.



— Olhem lá, vamos brincar ou não? — perguntou o Fabrício. Então a

Miquelina disse ao Fabrício que não se metesse onde não era chamado e arranhou-o.

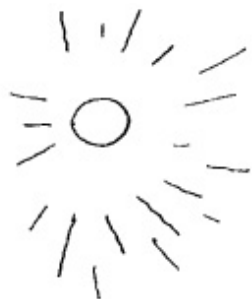
— Deixa o meu irmão em paz! — disse a Gisela, e puxou as tranças da Miquelina, e a Miquelina desatou aos gritos e deu uma bofetada à Gisela, o que deu vontade de rir ao Fabrício, mas o Mamert começou a chorar e as raparigas faziam uma grande algazarra, e nisto apareceram na sala os pais e as mães aos magotes, a perguntar o que é que estava a acontecer.

— São eles que não nos deixam brincar às lojas — disse a Isabel.

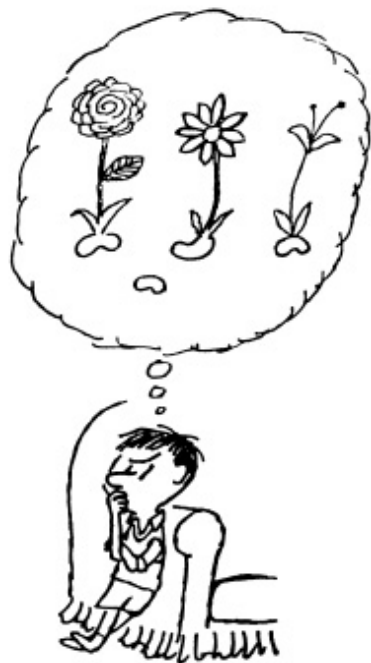
E então ficámos todos sem sobremesa.

E o Frutuoso tinha razão: ao jantar havia gelado de chocolate!





E depois o sol voltou, radioso, no último dia de férias. Então foi hora de se despedirem dos amigos, fazer as malas e apanhar o comboio. O gerente do Hotel Costa-Bela quis dar ao pai do Nicolau um bocado de guisado para a viagem, mas o pai do Nicolau não aceitou. Fez mal, porque desta vez eram os ovos cozidos que estavam na mala castanha, e a mala castanha ia no compartimento das bagagens.



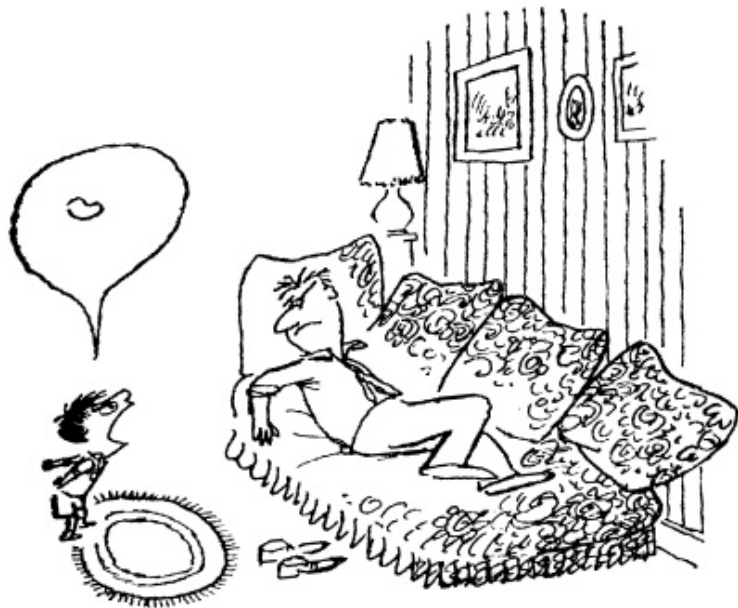
### O regresso

**E**stou muito contente por ter voltado para casa, mas os amigos que fiz nas férias não estão cá, e os meus amigos de cá ainda estão de férias, e eu estou sozinho e não acho justo, e por isso comecei a chorar.

— Ah, isso é que não! — disse o meu pai. — Amanhã começo a trabalhar e hoje quero descansar um bocado. Vê lá se te calas!

— Que diabo, tens de ter um pouco de paciência com o miúdo — disse a mãe. — Bem sabes como são as crianças quando regressam de férias. — E depois a minha mãe deu-me um beijo, limpou-me a cara, assoou-me e disse-me que fosse brincar sossegado. Eu respondi-lhe que não me importava de ir brincar, mas não sabia a quê.

— Porque é que não pões um feijão a germinar? — perguntou ela. E explicou-me que era muito engraçado: agarrava-se num feijão, embrulhava-se o feijão num bocado de algodão molhado e depois aparecia um caule, depois umas folhas, e depois ficava-se com um belo feijoeiro. Disse-me que era muito divertido e que o meu pai ia ensinar-me como é que se fazia.



O meu pai, que estava deitado no sofá da sala, deu um grande suspiro e disse-me que fosse buscar o algodão. Fui à casa de banho e nem sequer deixei cair muitas coisas; além disso, o pó no chão é fácil de limpar com água. Voltei para a sala e disse ao meu pai:

— Está aqui o algodão.

— Bom, agora vai à cozinha buscar um feijão — disse o meu pai.

Na cozinha não encontrei nenhum feijão, nem bolachas, porque, antes de partirmos, a minha mãe deitou tudo fora, menos o pedaço de *camembert*, que ficou esquecido num armário, e foi por isso que, quando chegámos a casa, tivemos de abrir a janela da cozinha.

Quando cheguei à sala e disse ao meu pai que não tinha encontrado nenhum feijão, ele respondeu:

— Paciência! — E pôs-se outra vez a ler o jornal, mas eu desatei a chorar e a gritar:

— Quero pôr um feijão a germinar! Quero pôr um feijão a germinar!

— Nicolau — disse o meu pai —, olha que levas um açoite.

Esta agora é incrível! Querem que eu ponha um feijão a germinar e, como não há feijões, resolvem castigar-me. Comecei então a chorar a valer, e a minha mãe veio ver o que era e, quando eu lhe expliquei, ela disse-me:

— Vai à mercearia da esquina e pede que te deem um feijão.





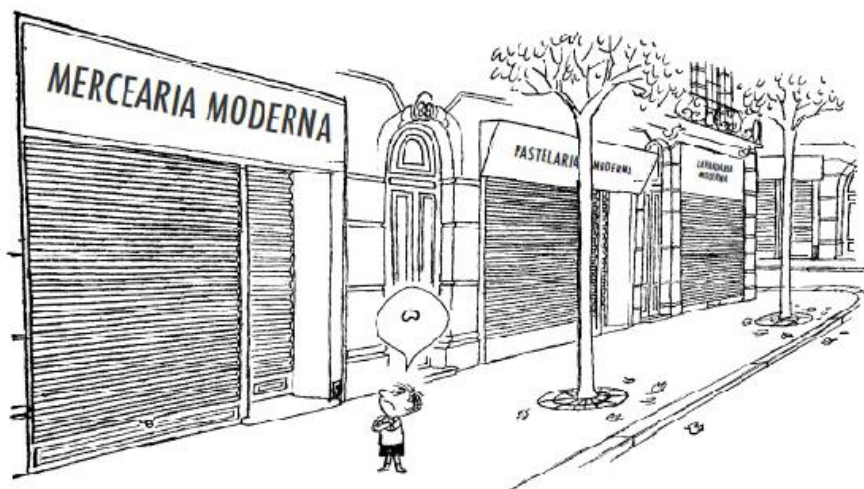
— Sim, e não venhas a correr — acrescentou o meu pai.

Fui à loja do Sr. Compani, que é o nosso merceeiro e que é porreirinho, porque às vezes me dá biscoitos. Mas desta vez não me deu nada, porque a mercearia estava fechada e havia um papel na porta a explicar que estavam de férias.

Voltei para casa a correr, e o meu pai ainda estava deitado no sofá, mas já não estava a ler, tinha o jornal em cima da cara.

— A loja está fechada — gritei eu —, por isso não arranjei nenhum feijão. O meu pai levantou-se de um pulo.

— Hã? O quê? O que é que aconteceu? — perguntou ele. E lá tive de voltar a explicar. O meu pai passou as mãos pela cara, deu um grande suspiro e disse que não podia fazer nada.



— E então, o que é que eu ponho a germinar no meu algodão? — perguntei eu.

— Nicolau! Já chega! — gritou o meu pai. — Vai brincar para o teu quarto.

Subi para o meu quarto a chorar, e estava lá a minha mãe a arrumar as coisas.

— Não, Nicolau, não venhas para aqui — disse ela. — Vai brincar para a sala. Porque é que não pões um feijão a germinar, como te disse?

Quando cheguei à sala, antes que o meu pai começasse a gritar, expliquei-lhe que tinha sido a minha mãe que me tinha mandado descer e que se ela me

ouvisse chorar ia ficar aborrecida.

— Está bem — disse o meu pai. — Mas fica sossegado.

— E onde é que eu vou arranjar o feijão para pôr a germinar? — perguntei eu.

— Vai à cozinha buscar lentilhas em vez do feijão.

Lentilhas havia, lá na cozinha, e eu fiquei todo contente. E, então, o meu pai mostrou-me como é que se devia molhar o algodão e como é que se devia pôr lá dentro as lentilhas.

— Agora pões isso num pires, no parapeito da janela, e depois aparecem caules e folhas — disse o meu pai. E voltou a deitar-se no sofá.

Eu fiz o que o meu pai tinha dito e fiquei à espera. Mas não vi nenhum caule sair das lentilhas e pus-me a pensar o que teria corrido mal. Como não sabia, fui ter com o meu pai.

— O que é que queres agora? — berrou ele.

— Não há nenhum caule a sair das lentilhas — disse-lhe eu.

— Queres apanhar um açoite? — gritou o meu pai, e eu disse que ia fugir de casa, que era muito infeliz, que nunca mais me voltavam a ver e ainda haviam de se arrepender, que aquela história das lentilhas era uma intrujice, e, então, a minha mãe veio a correr.

— Não podes ser um bocado mais paciente com o pequeno? — perguntou a minha mãe ao meu pai. — Eu tenho de arrumar a casa, não tenho tempo para lhe dar atenção, e acho que...

— E eu, cá por mim, acho que um homem devia poder ter sossego em casa! — respondeu o meu pai.

— A desgraçada da minha mãe é que tinha razão — disse a minha mãe.

— Não me venhas agora com a tua mãe, que não tem nada de desgraçada! — gritou o meu pai.

— Pois, pois, insulta a minha mãe! — disse ela.

— Eu insultei a tua mãe, por acaso? — berrou o meu pai. E a minha mãe desatou a chorar, o meu pai pôs-se a andar às voltas pela sala, aos gritos, e eu disse que, se não pusessem imediatamente as minhas lentilhas a germinar, ainda me matava. Então, a minha mãe deu-me um açoite.

Os pais, quando regressam de férias, são insuportáveis.





Passou mais um ano escolar, tão aplicado como o anterior. Foi com uma certa tristeza que o Nicolau, o Alceste, o Rufus, o Eudes, o Godofredo, o Maixent, o Joaquim, o Clotário e o Aguinaldo se separaram, depois da distribuição dos prémios. Mas há também o apelo das férias, e a alegria em breve regressa aos jovens corações dos alunos.

Contudo, o Nicolau está preocupado. Lá em casa não se fala em férias.



## Temos de ser compreensivos

**A** mim, o que me espanta é que lá em casa ainda não se falou em férias. Nos outros anos, o meu pai diz que quer ir para um sítio, a minha mãe diz que quer ir para outro sítio, e é sempre uma complicação. O meu pai e a minha mãe dizem que, já que é assim, preferem ficar em casa; eu choro, e depois vamos para onde a minha mãe quer. Mas, este ano, nada.

Entretanto, todos os outros meninos lá da escola se preparam para partir. O Godofredo, que tem um pai muito rico, vai passar as férias na vivenda dele, à beira-mar. O Godofredo contou-nos que tem um bocado de praia só para ele, onde mais ninguém tem o direito de fazer construções na areia. Se calhar é tudo história, porque a verdade é que o Godofredo é um grande mentiroso.

O Aguinaldo, que é o melhor aluno e o menino querido da professora, vai para Inglaterra passar as férias numa escola para aprender a falar inglês. É maluco, o Aguinaldo.

O Alceste vai comer trufas para Périgord, onde o pai dele tem um amigo que é dono de uma charcutaria. E os outros, é a mesma coisa: vão para a praia, para a montanha ou para casa dos avós, no campo. Só eu é que ainda não sei para onde vou, e é muito chato, porque uma das coisas que eu aprecio mais nas férias é falar delas, antes e depois, com os meus amigos.

Foi por isso que hoje, lá em casa, perguntei à minha mãe para onde é que íamos nestas férias. A minha mãe fez uma cara esquisita e deu-me um beijo na testa, disse-me que íamos falar disso «quando o teu pai chegar», e que entretanto fosse brincar para o jardim.

E lá fui eu para o jardim e esperei pelo meu pai, e, quando ele chegou do escritório, corri para ele. Ele pegou-me ao colo e disse: «Tão-balalão»!, e eu perguntei-lhe onde é que íamos nas férias. Então o meu pai parou de brincar, pôs-me no chão e disse-me que conversaríamos sobre isso lá em casa, onde fomos encontrar a minha mãe sentada na sala.

— Acho que chegou a altura — disse o meu pai.



— Sim, ele falou-me nisso há bocado — respondeu a minha mãe.

— Então temos de lhe dizer — disse o meu pai. — Então diz-lhe — respondeu a minha mãe.

— Porquê eu? — perguntou o meu pai. — Podes ser tu a dizer-lhe.

— Eu? Tu é que deves dizer-lhe — respondeu a minha mãe. — A ideia foi tua.

— Espera lá, tu concordaste comigo — disse o meu pai. — Até disseste que lhe ia fazer bem, e a nós também. Tens tantas razões para lhe dizer como eu.

— Então, falamos ou não falamos das férias? — perguntei eu. — Todos os meus amigos se vão embora, e eu vou fazer figura de parvo se não puder dizer-lhes para onde vamos e o que tencionamos fazer.



Então, o meu pai sentou-se no sofá, agarrou-me nas mãos e puxou-me contra os seus joelhos.

— Nicolau, tu já és um menino crescido, não é verdade? — perguntou o meu pai.

— Ah, pois é — disse a minha mãe. — Já é quase um homenzinho!

Eu cá não gosto nada que me digam que já sou crescido, porque geralmente, quando me dizem isso, é sinal de que se preparam para me fazer alguma coisa que não me agrada.

— E tenho a certeza de que este homenzinho gostava muito de ir para a praia — disse o meu pai.

— Sim, sim — disse eu.

— Ir para a praia, nadar, pescar, brincar na areia, passear no bosque — continuou o meu pai.

— Há bosques no sítio para onde vamos? — perguntei eu. — Então não é onde fomos no ano passado?

— Olha, não aguento — disse a minha mãe ao meu pai. — Não sei se será realmente uma boa ideia. Prefiro desistir. Talvez para o ano que vem...

— Não! — respondeu o meu pai. — O que está decidido, está decidido. Coragem, que diabo! E o Nicolau vai ser compreensivo. Não é, Nicolau?

Eu disse que sim, que ia ser bestialmente compreensivo. Estava muito contente com aquela história da praia. Os passeios no bosque é que não são tão divertidos, a não ser para jogar às escondidas. Para isso são formidáveis.

— E vamos para o hotel? — perguntei eu.

— Não é bem isso — respondeu o meu pai. — Acho que tu vais ficar numa tenda. É muito agradável, sabes...

Nessa altura, fiquei mais do que radiante.

— Numa tenda, como os índios daquele livro que a tia Doroteia me deu? — perguntei.

— Sim — disse o meu pai.

— Porreiro! — gritei eu. — E tu deixas-me ajudar a montar a tenda? E a fazer uma fogueira para cozinhar-mos? E ensinas-me a fazer pesca submarina para trazermos peixes grandes para a mãe? Ah, vai ser mesmo giro!

O meu pai limpou a cara com o lenço, como se estivesse cheio de calor, e depois disse-me:

— Nicolau, temos de falar de homem para homem. Tens de ser compreensivo.

— E, se te portares bem, como um menino crescido — disse a minha mãe —, faço uma tarte para a sobremesa.

— E, eu mando consertar a tua bicicleta, como há tanto tempo andas a pedir — disse o meu pai. — Bom, olha... Há uma coisa que tenho de te explicar.

— Eu vou à cozinha — disse a minha mãe.

— Não! Deixa-te estar — disse o meu pai. — Combinámos sermos os dois a dizer-lhe...



Então o meu pai tossiu um pouco para aclarar a garganta, pôs-me a mão no ombro e disse-me:

— Olha, Nicolau, nós não vamos contigo nestas férias. Vais sozinho, como uma pessoa crescida.

— Sozinho como? — perguntei eu. — Vocês ficam em casa?

— Nicolau, por favor, tenta compreender — disse o meu pai. — Eu e a tua mãe vamos fazer uma pequena viagem, e como pensámos que isso te interessava, resolvemos inscrever-te na colónia de férias. Só te vai fazer bem, terás companheiros da tua idade e vais divertir-te muito...

— Eu bem sei que é a primeira vez que vamos ficar separados, Nicolau, mas é para o teu bem... — disse a minha mãe.

— Então, Nicolau... O que é que dizes? — perguntou o meu pai.

— Porreiro! — gritei eu, e pus-me a dançar à volta da sala. Porque parece que é mesmo giro ir para a colónia de férias: fazemos uma série de amigos, damos passeios, organizamos jogos, cantamos à volta de uma fogueira. E eu fiquei tão contente que dei um beijo ao meu pai e à minha mãe.

À sobremesa havia tarte, que, por sinal, estava bem boa. Comi várias fatias, porque nem o meu pai nem a minha mãe lhe tocaram. O que é estranho é que eles olhavam para mim com os olhos muito abertos. Parecia que



estavam um pouco aborrecidos.

No entanto, eu não sei, mas acho que fui compreensivo, ou não fui?





Os preparativos iam de vento em popa, sendo entretanto interrompidos por dezassete telefonemas da avó do Nicolau. Um único pormenor curioso: a mãe do Nicolau tem sempre os olhos cheios de gotas e o nariz a pingar, por mais que se assoe...



## A partida

Hoje vou para a colónia de férias e estou muito contente. A única coisa que me aborrece é que o meu pai e a minha mãe parecem um bocado tristes. Deve ser porque não estão habituados a ficar sozinhos durante as férias.

A minha mãe ajudou-me a fazer a mala, com as camisas, os calções, as alpergatas, os carrinhos, o fato de banho, as toalhas, a locomotiva do comboio elétrico, os ovos cozidos, as bananas, as sanduíches de fiambre e queijo, o camaroeiro, a camisola de mangas compridas, as meias e os berlindes. É claro que algumas coisas tiveram de ir em sacos, porque não cabiam na mala, mas não faz mal.

Eu tinha medo de perder o comboio, por isso, depois do almoço, perguntei ao meu pai se não seria melhor irmos logo para a estação. Mas o meu pai disse que ainda era cedo, que o comboio só partia às seis da tarde e que eu parecia estar mortinho por me ver livre deles. E a minha mãe foi para a cozinha com o lenço, dizendo que tinha qualquer coisa num olho.

Não percebo o que se passa com o meu pai e a minha mãe, andam com um ar preocupado. Tão preocupado que nem me atrevo a dizer-lhes que sinto um nó na garganta só de pensar que não vou vê-los durante quase um mês. Se lhes dissesse, tenho a certeza de que se riam de mim e me ralhavam.

Não sabia o que havia de fazer até chegar à hora da partida, e a minha mãe não ficou nada satisfeita quando eu esvaziei a mala para tirar os berlindes que estavam no fundo.

— O miúdo não para quieto — disse a minha mãe ao meu pai. — Afinal, talvez fosse preferível irmos já.

— Mas ainda falta uma hora e meia para a partida — respondeu o meu pai.



— Ora! Se chegarmos com antecedência, apanhamos o cais vazio e evitam-se os encontrões e toda aquela confusão.

— Como queiras — disse o meu pai.

Metemo-nos no carro e partimos. Por duas vezes, porque da primeira esquecemo-nos da mala em casa.

Na estação, toda a gente tinha chegado com antecedência. Havia pessoas por toda a parte, a gritar e a fazer barulho.



Não foi fácil arranjar um lugar para estacionar o carro, que acabou por ficar muito longe da estação. Esperámos pelo meu pai, que entretanto teve de voltar ao carro para ir buscar a mala, pois julgava que a minha mãe tinha ficado com ela. Na estação, o meu pai recomendou-nos que não nos

afastássemos uns dos outros para não nos perdermos. Entretanto, dirigiu-se a um senhor fardado, que era muito engraçado porque tinha a cara toda vermelha e o boné à banda.

— Podia indicar-me onde fica o cais número onze, por favor? — perguntou o meu pai.

— Fica entre o cais número dez e o número doze — respondeu o senhor.

— Pelo menos ficava, da última vez que lá passei.



— Ouça lá... — começaram o meu pai a dizer, mas a minha mãe disse-lhe que não valia a pena enervarmo-nos e que havíamos de encontrar o cais sozinhos.

Chegámos ao cais, que estava a abarrotar de gente, e o meu pai comprou, para ele e para a minha mãe, três bilhetes de gare. Dois da primeira vez e outro quando voltou atrás para ir buscar a mala, que tinha ficado diante da máquina dos bilhetes.

— Bom, tenhamos calma — disse o meu pai. — Temos de procurar a carruagem Y.

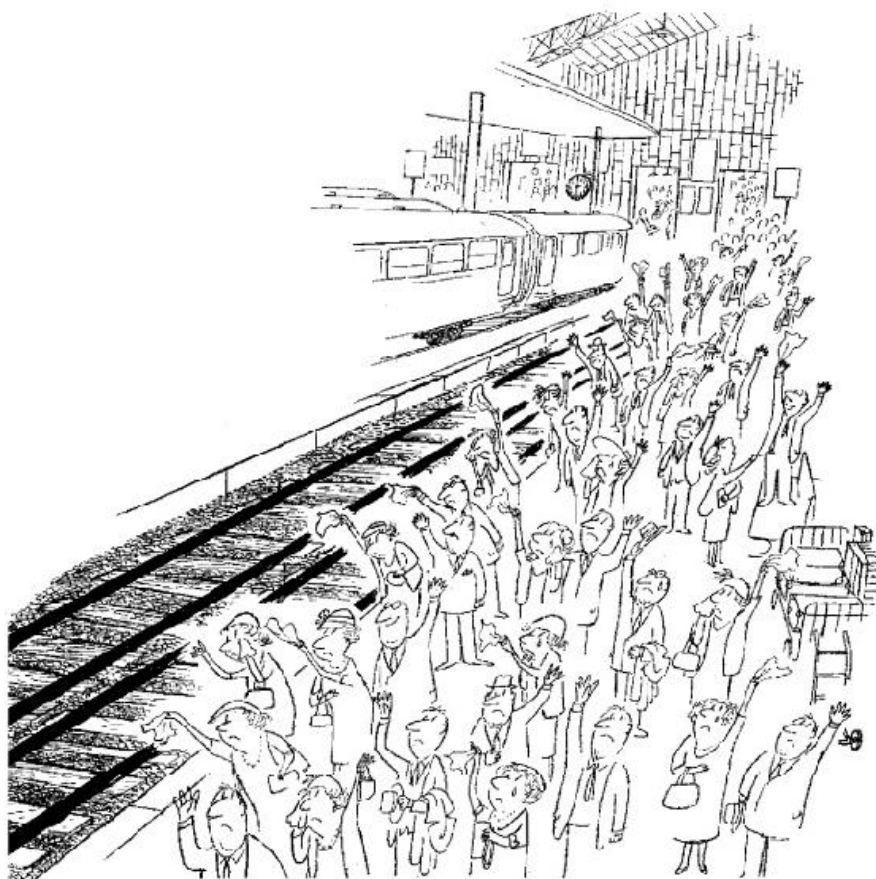
Como a carruagem que ficava mais próxima do cais de embarque era a carruagem A, tivemos de andar imenso, o que não era fácil por causa das pessoas, dos carrinhos engraçados cheios de malas e de cestos e do guarda-chuva do senhor gordo que ficou preso ao camaroeiro. O senhor e o meu pai começaram a discutir, mas a minha mãe puxou o meu pai pelo braço, o que acabou por fazer cair o guarda-chuva do senhor, que continuava preso ao camaroeiro. Mas tudo acabou por se resolver, porque com o barulho da estação não ouvimos o que o senhor gritava.

Diante da carruagem Y havia imensos meninos da minha idade, e também pais, mães e um senhor com um cartaz a dizer «Acampamento Azul». É o nome da colónia de férias para onde vou.

Toda a gente gritava. O senhor do cartaz tinha uns papéis na mão, o meu pai disse-lhe o meu nome, o senhor procurou nos papéis e gritou:

— Soeiro! Mais um para a sua equipa!

Apareceu então um rapaz já crescido, devia ter pelo menos dezassete anos, como o irmão do meu amigo Eudes, que anda a ensinar-lhe a jogar boxe.



— Olá, Nicolau — disse o rapaz crescido. — Chamo -me Gerardo Soeiro e sou o teu chefe de equipa. A nossa equipa é a Olho de Lince.

E deu-me a mão. Muito simpático.

— Deixo-o nas suas mãos — disse o meu pai a brincar.

— Não se preocupe — respondeu o meu chefe. — Quando ele voltar, nem o vai reconhecer.

E então a minha mãe sentiu outra vez qualquer coisa no olho e teve de puxar de um lenço. Uma senhora que trazia pela mão um menino parecido com o Aguinaldo, sobretudo por causa dos óculos, aproximou-se do meu chefe e perguntou-lhe:

— Você não é muito novo para assumir a responsabilidade de tomar conta das crianças?

— Não, minha senhora. Sou monitor diplomado — respondeu ele. — Não

há nada a recear.

— Pois, talvez... — disse a senhora. — E como é que você cozinha?

— Como diz? — perguntou o meu chefe.

— Sim, cozinha com azeite, com óleo, com margarina? — perguntou a senhora — Porque desde já o aviso, o pequeno não suporta margarina. Se quiserem que ele fique doente, já sabem, é darem-lhe margarina!

— Mas, minha senhora... — protestou o meu chefe.

— E não se esqueça de que ele deve tomar o remédio antes de cada refeição, mas banha nunca. Não vale a pena tomar medicamentos para depois se ficar doente. E tenha cuidado para que ele não caia nas escaladas.

— Nas escaladas? Quais escaladas? — perguntou o meu chefe.

— Bem, as escaladas que fizerem na montanha.

— Na montanha? Mas não há nenhuma montanha no sítio para onde vamos, na Praia das Furnas.

— Como? Praia das Furnas? — exclamou a senhora. — Disseram-me que os miúdos iam para Cume dos Pinheiros. Que bela organização! Não há dúvida! Eu bem dizia que você era muito novo para...



— O comboio para Cume dos Pinheiros é na linha 4, minha senhora — disse um senhor de uniforme, que ia a passar. — O melhor é despachar-se, porque ele parte daqui a três minutos.

— Oh! Meu Deus! — exclamou a senhora. — Nem sequer vou ter tempo de lhes fazer recomendações!

E foi-se embora a correr com o menino que parecia o Aguinaldo.

Ouviu-se então um apito e toda a gente subiu aos gritos para as carruagens, e o senhor de uniforme foi procurar o senhor do cartaz e disse-lhe que tratasse de fazer com que o palerma do miúdo que estava a brincar com o apito não semeasse a confusão por toda a parte. Houve então uns que quiseram descer das carruagens, o que não era fácil por causa dos que queriam entrar. Havia pais e mães a gritar coisas, a pedir que não se esquecessem de escrever, que se agasalhassem bem e que não fizessem tolices. Havia meninos a chorar e outros que apanharam raspanetes porque estavam a jogar à bola no cais. Era uma confusão terrível. Nem sequer se ouviu o senhor de uniforme a

apitar, muito vermelho, como se viesse de férias. Toda a gente se despediu e o comboio partiu para nos levar até ao mar.

Eu estava à janela e via o meu pai e a minha mãe, todos os pais e todas as mães, que acenavam com lenços. Fiquei triste. Não era justo, nós é que partíamos, e eles pareciam muito mais cansados do que nós. Tive vontade de chorar, mas não chorei, porque afinal as férias são para nos divertirmos e tudo vai correr bem.

E depois, em relação à mala, o meu pai e a minha mãe de certeza que se desenrascam para ma mandarem num outro comboio.







Sozinho, como um menino crescido, o Nicolau lá foi para a colónia de férias. E embora tenha tido um momento de fraqueza ao ver os pais ficarem muito pequeninos lá ao fundo do cais, Nicolau irá reencontrar a boa disposição que o caracteriza graças ao grito de guerra da sua equipa...



## Coragem!

A viagem de comboio correu muito bem. Demora uma noite inteira. Na nossa carruagem, o nosso chefe de equipa, que se chama Gerardo Soeiro e é porreirinho, mandou-nos dormir para de manhã chegarmos descansados à colónia de férias. E tinha razão. Digo que ele é o nosso chefe de equipa porque nos explicaram que ia haver doze equipas, com um chefe. A nossa equipa chama-se Olho de Lince, e o nosso chefe disse-nos que o nosso grito de guerra era: «Coragem!»

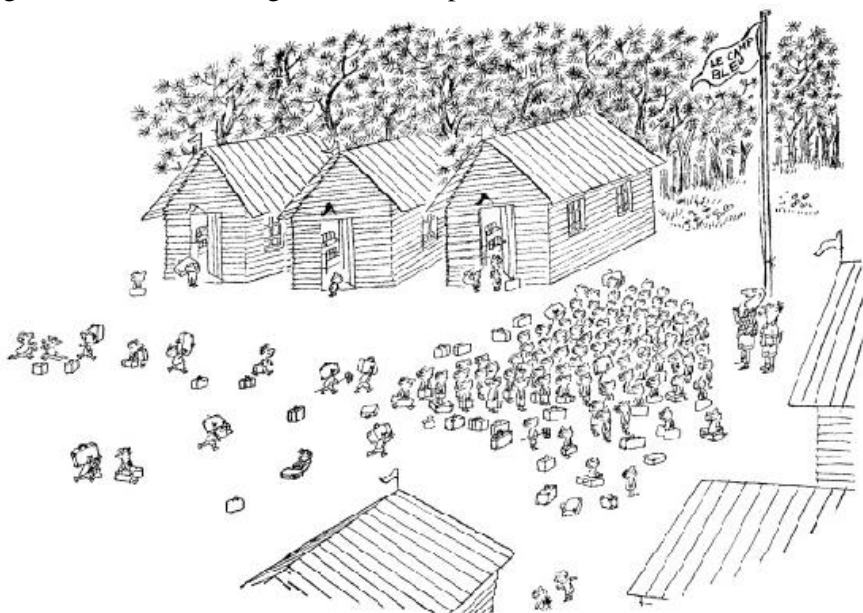
É claro que não conseguimos dormir muito. Havia um que não parava de chorar e que dizia que queria voltar para casa dos pais. Outro pôs-se a gozar e disse que ele parecia uma menina. Então, o que estava a chorar pregou-lhe um estalo e puseram-se os dois a chorar, sobretudo quando o chefe lhes disse que os obrigava a viajar de pé se continuassem naquilo. Além disso, o primeiro que começou a tirar o farnel do saco fez com que toda a gente sentisse fome, e então começámos todos a comer. E mastigar não deixa dormir, sobretudo os biscoitos, por causa do barulho e das migalhas. E depois os meninos começaram a ir à casa de banho, no fundo da carruagem, e um deles nunca mais aparecia, até que o chefe foi procurá-lo. Afinal, ele não aparecia porque a porta tinha ficado travada, e foi preciso ir chamar o revisor para abrir a porta, e toda a gente começou a enervar-se, porque o menino que estava fechado lá dentro chorava, dizendo que, tinha medo, e perguntava o que é que havia de fazer se chegássemos a uma estação, porque estava escrito que era proibido estar lá dentro quando o comboio está parado numa estação.

E depois, quando o menino saiu e nos disse que tinha gozado à brava, o chefe mandou-nos voltar para os nossos lugares, e foi uma trapalhada para encontrar a carruagem certa, porque, como todos os meninos tinham saído das suas carruagens, já ninguém sabia qual era a sua, e toda a gente corria e abria portas. E então, numa das carruagens, um senhor deitou a cabeça de fora, toda vermelha, e disse que, se não acabássemos com aquela barulheira, ia queixar-se à CP, a um amigo que lá tinha, num cargo muito importante.

Revezámo-nos para dormir e, de manhã, chegámos à Praia das Furnas, e havia autocarros à nossa espera para nos levar para a colónia de férias. O nosso chefe é formidável, não parecia nada cansado. E, no entanto, passou a noite a correr no corredor, e por três vezes teve de mandar abrir a porta da casa de banho; duas vezes para tirar de lá dois meninos que tinham ficado fechados e outra para tirar de lá o senhor que tinha um amigo na CP e que,

para lhe agradecer, lhe deu um cartão de visita.

No autocarro toda a gente gritava, e o chefe disse-nos que, em vez de gritarmos, podíamos cantar. E ensinou-nos cantigas muito giras, uma que fala de uma cabana no alto da montanha e outra que diz que há pedras em todos os caminhos. Mas, por fim, acabou por dizer que preferia que voltássemos todos a gritar, e entretanto chegámos ao acampamento.



Fiquei um bocado dececionado. É bonito, tem árvores e flores, mas não há tendas. Vamos ficar em casas de madeira, e é pena, porque eu pensava que íamos dormir em tendas, como os índios. Seria muito mais divertido. Levaram-nos para o meio do acampamento, onde dois senhores nos aguardavam.



Um careca, o outro de óculos, mas ambos de calções. O senhor que não

tinha cabelo disse-nos:

— Meus meninos, tenho muito gosto em recebê-los no Acampamento Azul, onde de certeza irão passar umas férias estupendas, num ambiente de sã e franca camaradagem, no qual nós iremos preparar-vos para o vosso futuro de homens, no quadro de uma disciplina livremente consentida. Eu sou o senhor Quintas, chefe do acampamento, e este é o senhor Calvão, o nosso administrador, que por vezes irá pedir a vossa colaboração. Conto convosco para obedecerem a estes irmãos mais velhos, que são os vossos chefes de equipa, e que vão agora conduzir-vos aos vossos respetivos barracões. Daqui a dez minutos, concentração para irmos à praia. Será o vosso primeiro banho.

E depois alguém gritou: «Acampamento Azul, *hip, hip!*» e uma data de meninos respondeu «Hurra!» três vezes. Giríssimo.

O nosso chefe levou os doze que faziam parte da equipa Olho de Lince até ao nosso barracão. Disse-nos que escolhêssemos as camas, que nos instalássemos, que vestíssemos os fatos de banho, pois vinha buscar-nos dentro de oito minutos.

— Bom — disse um puto alto —, eu fico na cama ao pé da porta.

— E porquê? — perguntou outro miúdo. — Essa é boa!

— Porque vi primeiro e porque sou o mais forte — respondeu o puto alto.

— Não, senhor! Não, senhor! — declarou o outro miúdo. — A cama ao pé da porta é para mim! Já cá estou!

— Eu também já cá estou! — gritaram outros dois.

— Saíam daí, senão faço queixa — gritou o puto alto.

Éramos oito em cima da cama e íamos começar à estalada, quando o nosso chefe entrou, de calção de banho, cheio de músculos.

— Então? — perguntou ele. — Que significa isto? Ainda não vestiram os calções? Vocês fazem mais barulho do que os dos outros barracões todos juntos. Vá, despachem-se!



— É por causa da minha cama — começou o puto alto a explicar.

— Tratam das camas depois — disse o chefe. — Agora vistam os calções de banho. Estão todos à nossa espera!

— Eu cá não quero despir-me diante de toda a gente! Quero voltar para a minha casa — disse um menino, e começou a chorar.

— Vá lá. Paulino, lembra-te do nosso grito de guerra: «Coragem!» — disse o nosso chefe. — Além disso, já não és um miúdo, és quase um homenzinho.

— Não sou nada! Sou um miúdo! Sou um miúdo! Sou um miúdo! — berrou o Paulino, e rebolou-se no chão a chorar.

— Chefe, não posso vestir o fato de banho, porque o meu pai e a minha mãe esqueceram-se de me dar a mala na estação.

O chefe esfregou a cara com as mãos e disse que com certeza havia um menino que poderia emprestar-me uns calções de banho.

— Não, senhor — disse um miúdo. — A minha mãe disse-me que não emprestasse as minhas coisas.

— És um forreta, não quero os teus calções para nada — respondi-lhe eu. E, *zás!*, dei-lhe uma bofetada.

— E quem é que me desaperta os sapatos? — perguntou outro miúdo.

— Chefe! Chefe! — gritou um menino. — A minha compota entornou-se toda na mala. O que é que eu faço?

E então reparámos que o chefe já não estava na barraca.

Quando saímos, estávamos todos de calções. Um puto porreiro chamado Bertino emprestou-me uns dele. Fomos os últimos a chegar. Era giro ver aquilo, porque estava toda a gente em calções.

O único que não estava era o nosso chefe. Estava de fato, com um casaco, uma gravata e uma mala. O Sr. Quintas estava a falar com ele e dizia-lhe:

— Pense bem, meu caro. Tenho a certeza de que acabará por conseguir ter mão neles. Coragem!





A vida da colónia organiza-se. A vida que fará com que Nicolau e os amigos se tornem homens. Até o próprio chefe de equipa, Gerardo Soeiro, se modificou desde que eles chegaram.

E se às vezes o seu olhar revela um certo cansaço, em contrapartida ele aprendeu a dominar-se, para não se deixar invadir pelo pânico...



## O Banho

No acampamento onde estou a passar férias, fazemos uma série de coisas durante o dia.

De manhã, levantamo-nos às oito horas. Temos de nos vestir muito depressa e, depois, concentramo-nos cá fora. Fazemos ginástica, um, dois, um, dois, e depois vamos a correr lavar-nos e divertimo-nos muito a atirar água uns aos outros. Em seguida, os que estão de serviço vão buscar o pequeno-almoço, que, por sinal, é excelente, com muitas torradas. Mal acabamos de tomar o pequeno-almoço, vamos a correr para os barracões fazer as camas, mas não as fazemos como a minha mãe faz lá em casa. Pegamos nos lençóis e nos cobertores, dobramo-los em quatro e pomo-los em cima do colchão. Depois vêm os serviços: limpar a entrada, fazer recados ao Sr. Calvão, o administrador, e depois há novamente concentração e voltamos ao acampamento para almoçar, e é porreiro porque estamos quase sempre com fome. E depois do almoço cantamos cantigas: «Foi na Loja do Mestre André» ou «A Linda



Falua». Em seguida vem a sesta. Não é muito divertido, mas é obrigatório, mesmo que arranjemos desculpas. Durante a sesta, o nosso chefe de equipa toma conta de nós e conta-nos histórias. E depois há outra vez concentração e voltamos à praia, tomamos banho, nova concentração e regressamos ao acampamento para o jantar. Depois do jantar tornamos a cantar, às vezes à volta de uma fogueira, e se não há jogos noturnos deitamo-nos e temos de apagar logo a luz e dormir. No resto do tempo podemos fazer o que nos apetecer.

Eu cá do que mais gosto é do banho. Vamos todos com os nossos chefes de equipa e a praia fica por nossa conta. Não é que os outros não possam vir também, mas, quando vêm, vão-se logo embora. Se calhar é porque fazemos uma grande algazarra e muitos jogos na areia.

Estamos agrupados em equipas. A minha chama-se Olho de Lince». Somos doze, temos um chefe de equipa muito simpático e o nosso grito de guerra é: «Coragem!» O chefe de equipa chama-nos à volta dele e diz-nos:

«Vamos lá ver. Nada de imprudências! Quero todos em grupo e que ninguém se afaste muito. Quero ver-vos a todos! É proibido nadar debaixo de água. Quem desobedecer não toma banho. Entendido? Pronto, hoje não há ginástica, todos para dentro de água!» E o nosso chefe de equipa dá uma grande apitadela e lá vamos todos com ele para a água. Estava fria, tinha ondas, mas era agradável!

E então reparámos que nem todos os da equipa tinham ido para o banho. Na praia tinha ficado um, que estava a chorar. Era o Paulino, que está sempre a chorar e a dizer que quer voltar para casa, para o pé do pai e da mãe.

— Anda, Paulino! — gritou o nosso chefe de equipa.

— Não! — gritou o Paulino. — Tenho medo. Quero voltar para casa. — E pôs-se a rebolar na areia e a gritar que era muito infeliz.

— Bom, deixem-se estar em grupo e não saiam daí — disse o chefe. — Vou buscar o vosso companheiro.

E o nosso chefe saiu da água e foi falar com o Paulino.

— Então, pá! — disse ele. — Não há razão para teres medo.

— Há sim, senhor! — gritou o Paulino. — Há sim, senhor!



— Não há perigo nenhum — disse o chefe. — Anda, dá cá a mão, vamos entrar juntos na água e eu não te largo.

O Paulino deu-lhe a mão, a chorar, e deixou-se levar até ao mar. Quando molhou os pés, começou a dizer:

— Ai, ai, está fria! Tenho medo! Vou morrer! Ai!

— Mas se eu te estou a dizer que não há nenhum... — começou a dizer o chefe, e depois abriu muito os olhos e gritou: — Quem é que está acolá a nadar em direção à boia?

— É o Crispim — disse um dos da nossa equipa. — Sabe nadar muito bem e apostou connosco que era capaz de chegar à boia.

O chefe largou a mão do Paulino e pôs-se a correr dentro de água e a nadar e a gritar:

— Crispim! Anda já para aqui! — E a apitar. E, com a água, o apito fazia um barulho de bolhas.



E o Paulino começou a gritar:

— Não me deixe aqui sozinho! Vou afogar-me! Ai, ai! Papá! Mamã! Ai, ai!

E como só tinha os pés dentro de água, era mesmo cómico.

O nosso chefe voltou com o Crispim, que estava muito aborrecido porque o chefe o mandou sair da água e ficar na praia. E depois o chefe começou a contar-nos, o que não foi fácil, porque, enquanto ele não estava connosco, cada um tinha ido para seu lado, e como o chefe tinha perdido o apito quando foi buscar o Crispim, pôs-se a gritar: «Equipa Olho de Lince! Concentração! Equipa Olho de Lince! Coragem! Coragem!»

E, então, apareceu outro chefe de equipa, que lhe disse:

— Olha lá, não grites tão alto, a minha equipa não houve o meu apito.

Note-se que os chefes de equipa faziam uma grande barulheira a apitar, a gritar e a chamar por nós. E depois o chefe contou-nos, viu que estávamos todos e mandou o Guadalberto de castigo para a areia, como o Crispim, porque ele estava dentro de água até ao pescoço a gritar:

— Caí num buraco! Socorro! Caí num buraco! — Mas afinal estava só agachado. É giro, o Guadalberto!

Entretanto, os chefes de equipa decidiram que já chegava de banho por aquela manhã e desataram a apitar e a gritar: «Concentração por equipas na praia!» Pusemo-nos em fila e o nosso chefe contou-nos.

— Onze! — disse ele. — Falta um!

Era o Paulino, que estava sentado dentro de água e não queria sair de lá.

— Quero ficar na água! — gritava ele. — Se sair, tenho frio! Quero ficar!



O chefe, que já estava a começar a irritar-se, foi buscá-lo e trouxe-o por um braço, e o Paulino gritava que queria voltar para ao pé do pai, para ao pé da mãe e para dentro de água. E então, quando o chefe voltou a contar, viu

que ainda faltava um.

— É o Crispim... — dissemos-lhe nós.

— Terá voltado para a água? — perguntou o nosso chefe, que empalideceu.

Mas o chefe da equipa que estava ao pé da nossa disse -lhe:

— Tenho um a mais. Não será dos teus? — Era mesmo o Crispim, que tinha ido falar com um menino que tinha uma tablete de chocolate.

Quando o nosso chefe voltou com o Crispim, contou-nos outra vez e viu que éramos treze.

— Qual de vocês não é da equipa Olho de Lince»? — perguntou o nosso chefe.

— Eu — disse um miúdo pequeno que nós não conhecíamos.

— Então, de que equipa és tu? — perguntou o chefe. — Da dos Águias? Da dos Jaguares?

— Não — respondeu o puto baixo. — Sou do Hotel Belavista e da praia. O meu pai é aquele que está ali a dormir no molhe. — E chamou: Papá! Papá! E o senhor que estava a dormir levantou a cabeça e depois veio calmamente até junto de nós.

— O que é que foi agora, pá? — perguntou o senhor. O nosso chefe de equipa disse-lhe então:

— O seu filho veio brincar com os nossos miúdos. Parece que ele gosta da colónia de férias.

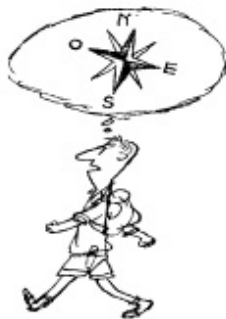
E o senhor respondeu:

— Sim, mas eu não o mando para lá. Não é para vos ofender, mas tenho a impressão de que, sem os pais, as crianças não são bem vigiadas.





Se há coisa que o diretor da colónia aprecia, para além das crianças, é passear no bosque. Foi por isso que o Sr. Quintas aguardou impientemente o fim do jantar para expor a sua ideia...



## A Ponta das Borrascas

Ontem, depois do jantar, o Sr. Quintas, que é o diretor da colónia de férias para onde os meus pais me mandaram (por sinal, uma excelente ideia), reuniu-nos a todos e comunicou-nos o seguinte:

— Amanhã vamos todos fazer uma excursão à Ponta das Borrascas. A pé, através dos campos, de mochila às costas, como gente crescida. Vai ser um esplêndido passeio e uma experiência inesquecível para vocês.

E o Sr. Quintas disse que sairíamos de manhã bem cedinho e que o Sr. Calvão, o administrador, nos daria uma bucha antes de partirmos. Então, todos nós gritámos «Hip, hip, hurra» três vezes e fomos deitar-nos muito enervados.

Às seis da manhã, o nosso chefe de equipa veio ao nosso barracão acordar-nos, o que deu muito trabalho.

— Calcem meias grossas e tragam uma camisola — disse-nos ele. — E não se esqueçam do alforge para o lanche. Tragam também a bola de vólei.

— Chefe, chefe — disse o Bertino. — Posso levar a minha máquina fotográfica?

— Claro que podes, Bertino — respondeu o chefe. — E depois tiras fotografias a todos nós na Ponta das Borrascas. Será uma bela recordação.

— Eh, malta! Eh, malta! — gritou o Bertino, todo orgulhoso. — Estão a ouvir? Vou tirar fotografias!

— És um fanfarrão, tu mais a tua máquina fotográfica! — respondeu o Crispim. — Estamo-nos nas tintas para a tua máquina fotográfica e, além disso, não te deixo fotografar-me. Vou mexer-me.

— O que tu tens é inveja! — disse o Bertino. — Porque não tens uma máquina.

— O quê? Não tenho uma máquina? Deixa-me rir! — respondeu o Crispim. — Em casa tenho uma muito melhor do que a tua!



— És um mentiroso e um palerma — disse o Bertino. E começaram os dois à pancada, mas pararam logo, porque o chefe disse que, se continuassem com aquelas palhaçadas, não iam à Ponta das Borrascas.

E depois o chefe disse que nos despachássemos porque já estávamos atrasados para a concentração.

Tomámos um pequeno-almoço substancial e em seguida passámos em fila pela cozinha, onde o Sr. Calvão ia entregando a cada um de nós um papo-seco e uma laranja. Isto levou um certo tempo, e o Sr. Calvão já estava a começar a ficar irritado. Sobretudo quando o Paulino abriu o pão e disse:

— Tem margarina.

— Ai tem? Pois então, come-a.

— Lá em casa, a minha mãe não quer que eu coma margarina, e, além disso, eu não gosto.

— Então, o que tens a fazer é não a comer — respondeu o Sr. Calvão.

— Mas o senhor disse-me que a comesse. Não é justo! — protestou o Paulino. — Quero voltar para casa! — E desatou a chorar.

Mas tudo se resolveu porque o Guadalberto, que já tinha comido a margarina da sanduíche dele, trocou o pão dele pelo do Paulino.

Saímos do acampamento, com o Sr. Quintas à frente e nós atrás, organizados em equipas. Parecia um autêntico desfile. Puseram-nos a cantar uma data de cantigas, e nós cantávamos muito alto porque estávamos muito orgulhosos. Pena é que, por ser muito cedo, não havia ninguém para nos ver, sobretudo quando passámos por hotéis onde as outras pessoas estão de férias. Mesmo assim, ainda se abriu uma janela e um senhor gritou:

— São malucos ou quê? A berrar dessa maneira a uma hora destas!

E depois abriu-se outra janela e outro senhor gritou:

— É você que está a gritar, senhor Patinha? Não basta termos de aturar os seus pimplinhos o dia inteiro?

— Não esteja para aí a refilar, senhor Lancheiro, porque você tem sempre extras à refeição! — gritou o primeiro senhor. E depois abriu-se outra janela e outro senhor começou a gritar coisas, mas não conseguimos perceber o que era, porque já íamos longe, e, como cantávamos muito alto, não se ouvia bem.



Entretanto saímos da estrada e atravessámos uma campina. Muitos não queriam ir, porque estavam lá três vacas, mas disseram-nos que já éramos uns homens, que não devíamos ter medo, e obrigaram-nos a ir. Nessa altura, os únicos que cantavam eram o Sr. Quintas e os chefes de equipa. Nós apanhámos o refrão quando saímos da campina e entrámos no bosque.

São giros, os bosques, com árvores e árvores até perder de vista. Há tantas folhas que nem se vê o céu, é tudo sombrio e não há caminhos. Tivemos de parar, porque o Paulino começou a rebolar-se no chão e a gritar que tinha medo de se perder e de ser comido pelos animais da floresta.

— Ouve lá, miúdo, és mesmo insuportável! — disse o nosso chefe de equipa. — Olha para os teus companheiros. Achas que eles têm medo?

E então houve outro que se pôs a chorar e a dizer que sim, senhor, que também ele tinha medo, e depois mais três ou quatro começaram a chorar, mas acho que alguns era só a gozar.

Então o Sr. Quintas veio a correr e reuniu-nos à volta dele, o que não foi fácil por causa das árvores. Disse-nos que devíamos portar-nos como homens e explicou-nos que havia muitas maneiras de reencontrar o caminho. Antes de mais, havia a bússola, e depois havia o Sol, as estrelas, o musgo das árvores e, além disso, ele já lá tinha ido no ano passado, conhecia o caminho, e «pronto, vamos embora que já perdemos muito tempo».



Não pudemos partir logo, porque foi preciso reunir os meninos que se tinham afastado um pouco. Dois tinham-se posto a jogar às escondidas; um deles descobrimo-lo logo, mas o outro, tivemos de gritar «Apanhados!» para que ele saísse de trás da árvore. Havia outro que andava à procura de cogumelos, três a jogar voleibol e ainda o Guadalberto, que teve dificuldade em descer da árvore a que estava a trepar para ver se havia cerejas. E quando finalmente não faltava ninguém e íamos retomar a marcha, o Bertino gritou:

— Chefe! Temos de voltar ao acampamento! Esqueci -me da máquina

fotográfica!

E como o Crispim se pôs a gozar, desataram os dois à pancada, mas pararam logo quando o nosso chefe de equipa gritou:

— Basta, ou levam já um açoite!

Ficámos todos muito espantados. É a primeira vez que vemos o nosso chefe de equipa gritar desta maneira!

Caminhámos muito tempo pelo bosque e já começávamos a ficar cansados até que, por fim, parámos. O Sr. Quintas coçou a cabeça e reuniu os chefes de equipa à sua volta. Todos faziam muitos gestos, apontando direcções diferentes, e eu ouvi o Sr. Quintas dizer:

— Que esquisito! Devem ter abatido árvores desde o ano passado. Já não encontro os meus pontos de referência.

Por fim, meteu um dedo na boca, levantou-o no ar e recomeçou a andar, e nós fomos atrás dele. É estranho, ele não nos falou deste sistema para reencontrar o caminho.

Depois de muito caminharmos, acabámos por sair do bosque e voltámos a atravessar o campo. Mas as vacas já lá não estavam, sem dúvida por causa da chuva que começou a cair. Corremos então até à estrada e entrámos numa garagem, onde comemos a nossa bucha, cantámos e brincámos imenso. E depois, quando a chuva parou, e como já era muito tarde, regressámos ao acampamento. Mas o Sr. Quintas disse-nos que não se dava por vencido, que amanhã ou depois de amanhã havíamos de ir à Ponta das Borrascas.

De autocarro...





Queridos pais:

Tenho-me portado muito bem, tenho comido tudo, tenho-me divertido muito e gostava que vocês escrevessem uma carta ao Sr. Quintas a dizer-lhe que eu não tenho de fazer a sesta, como aquela carta que levei à professora daquela vez que eu e o pai não conseguimos fazer o problema de aritmética...

(Extrato de uma carta de Nicolau aos pais.)





## A sesta

Uma coisa com que eu embirro na colónia de férias é que, todos os dias, depois do almoço, temos de fazer a sesta. E a sesta é obrigatória, mesmo que inventemos desculpas para a não fazer. E não é justo, porque depois de nos termos levantado de manhã, de termos feito ginástica, de nos termos lavado, feito a cama, tomado o pequeno -almoço, de termos ido à praia, tomado banho e brincado na areia, não há realmente razão para estarmos cansados e termos de nos deitar.

A única coisa boa da sesta é que o nosso chefe de equipa vem tomar conta de nós no nosso barracão e conta-nos histórias para estarmos sossegados, e isso é giro.

— Bom! Todos para a cama, e nem um pio — disse o nosso chefe de equipa.

Todos nós obedecemos, menos o Bertino, que se meteu debaixo da cama.



— Bertino! — gritou o nosso chefe de equipa. — Sempre o mesmo engraçadinho! Não admira, és o mais insubordinado do grupo!

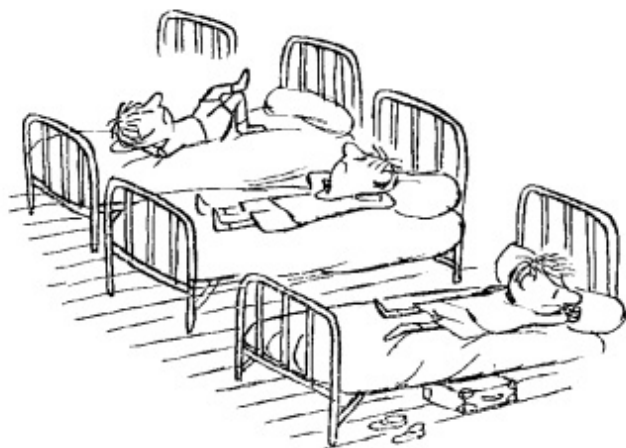
— Ora, chefe, estava à procura das minhas alpercatas — respondeu o Bertino.

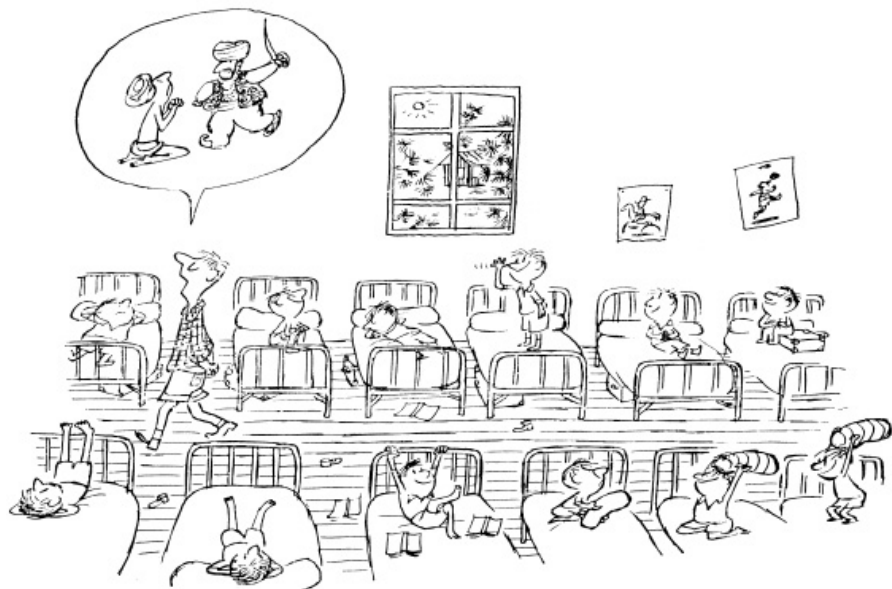
O Bertino é meu amigo e é mesmo insubordinado. Fartamo-nos de rir com ele.

Depois de o Bertino se ter deitado como os outros, o chefe mandou-nos dormir e não fazer barulho para não incomodar os outros pavilhões.

— Uma história, chefe! Queremos uma história! — gritámos todos.

O chefe deu um longo suspiro e disse que estava bem, mas caladinhos.





— Era uma vez — disse ele —, num país muito distante, um califa que era muito bom, mas que tinha um vizir muito mau... — O chefe interrompeu a narrativa e perguntou: — Quem é que sabe o que é um vizir?

E o Bertino pôs o dedo no ar.

— Diz lá, Bertino...

— Posso ir lá fora, chefe?

O chefe olhou para ele estreitando os olhos, suspirou e declarou:

— Bom, vai lá, mas volta depressa. — E o Bertino saiu.

Entretanto, o chefe continuou a passear pelo corredor entre as camas e a contar-nos a história. Devo dizer que prefiro histórias de *cowboys*, de índios ou de aviadores. O chefe falava, ninguém fazia barulho e os meus olhos iam-se fechando, e às tantas eu estava a cavalo, vestido de *cowboy*, com umas belíssimas pistolas prateadas à cintura, e comandava uma data de *cowboys*, porque eu era o xerife, e os índios iam atacar-nos, e um deles gritou: «Olhem! Achei um ovo!»

Sentei-me de um pulo na cama e vi que era o Bertino que tinha entrado no barracão com um ovo na mão. Levantámo-nos todos para ir ver.

— Deitem-se! Deitem-se todos! — gritou o chefe, que parecia bastante descontente.

— Que é que acha, chefe, será um ovo de quê? — perguntou o Bertino.

Mas o chefe respondeu-lhe que não tinha nada com isso, que fosse pôr o ovo onde o tinha encontrado e que viesse deitar-se. E o Bertino voltou a sair com o ovo.

Como já ninguém dormia, o chefe continuou a contar-nos a história. Era engraçada, sobretudo aquela parte em que o califa se disfarça para saber o que é que as pessoas pensam dele e o grão-vizir, que é muito mau, aproveita para ficar no lugar dele. E, então, o chefe calou-se e depois perguntou:

— Mas o que é que andará a fazer o Bertino?

— Se quiser, posso ir procurá-lo — ofereceu-se o Crispim.

— Está bem — disse o chefe. — Mas não te demores.

O Crispim saiu e voltou logo a correr.

— Chefe! Chefe! — gritou o Crispim. — O Bertino subiu a uma árvore e não é capaz de descer!

O chefe saiu a correr e nós fomos todos atrás dele. Até tivemos de acordar o Guadalberto, que estava a dormir e não ouvira nada.

O Bertino estava sentado num dos ramos mais altos da árvore e parecia aflito.

— Lá está ele! Lá está ele! — gritámos nós, apontando com o dedo.

— Caluda! — sentenciou o nosso chefe de equipa. — Bertino, que estás tu a fazer aí em cima?

— Bem, fui pôr outra vez o ovo onde o tinha encontrado, tal como me mandou — respondeu o Bertino. — Tinha-o encontrado aqui, num ninho. Mas, ao subir, parti um ramo, e agora não consigo descer.



E começou a chorar. Tem uma voz incrível, o Bertino. Quando chora, ouve-se ao longe. Então, apareceu o chefe de outra equipa, que estava num barracão ao lado da árvore, e parecia muito zangado.

— Que barulheira é esta? Tu mais a tua equipa acordaram os meus miúdos todos, logo agora que eu tinha conseguido adormecê-los — protestou ele.

— Queixa-te, queixa-te! — respondeu-lhe o nosso chefe. — Eu tenho um

ali em cima, empoleirado na árvore!

O outro chefe de equipa olhou para cima e começou a rir, mas não por muito tempo, porque toda a malta da equipa dele saiu do barracão para ir ver o que se passava. Havia imensa gente à volta da árvore.



— Já para a cama! — berrou o chefe da outra equipa. — Estás a ver o que fizeste? Tens de ter mão nos teus miúdos. Quando não se tem mão neles, não se vem armar em chefe de equipa para uma colónia de férias.

— Queria ver-te no meu lugar — protestou o nosso chefe de equipa. — Além disso, os teus miúdos fazem tanto barulho como os meus.

— Pois, mas foram os teus miúdos que acordaram os meus — respondeu o outro chefe de equipa.

— Chefe, eu queria descer! — gritou o Bertino. Então, os chefes pararam de discutir e foram buscar uma escada.

— É preciso ser muito parvo para ficar preso numa árvore — comentou um miúdo da outra equipa.

— Tens alguma coisa a ver com isso? — perguntei eu.

— Evidentemente — respondeu o outro miúdo. — Na vossa equipa, vocês são todos uns parvalhões, é uma coisa sabida!

— Repete lá isso! — disse o Guadalberto.

E como o outro repetiu, desatámos todos à pancada.

— Eh, malta! Esperem lá! Não comecem enquanto não me tirarem daqui — gritou o Bertino.

Entretanto apareceram os chefes a correr com uma escada, mais o Sr. Quintas, o diretor do campo, que queria saber o que se passava. Toda a gente gritava, era giríssimo, e os chefes tinham um ar zangado, se calhar porque o Bertino não esperou por eles para descer da árvore, tal era a vontade dele de vir reinar connosco.

— Todos para os barracões, imediatamente! — gritou o Sr. Quintas, e até parecia o «Caldo», o vigilante da minha escola.

E lá voltámos nós para a nossa sesta. Acabou por ser curta, porque estava na hora da concentração, e o nosso chefe de equipa mandou-nos sair. Parecia satisfeito. Acho que ele também não gosta muito da sesta.

O que veio complicar as coisas foi que o Bertino adormeceu na cama e depois não queria levantar-se.





Meu querido:

Espero que te estejas a portar bem, que comas tudo e que te estejas a divertir. Quanto à sesta, o Sr. Quintas tem razão. Tens de descansar, por isso, é preciso dormir depois do almoço e depois do jantar. Já sabemos como tu és e, se te déssemos ouvidos, havias de querer brincar mesmo durante a noite. Felizmente que estão aí os teus chefes para te vigiarem, e debes sempre obedecer-lhes. Quanto ao problema de aritmética, o teu pai diz que tinha achado a solução, mas que queria que descobrisses sozinho...

(Extrato de uma carta dos pais do Nicolau ao Nicolau.)



## Jogo noturno

Ontem à noite, durante o jantar, o Sr. Quintas, que é o diretor da colónia, esteve a cochichar com os nossos chefes de equipa. Fartaram-se de dizer coisas em voz baixa e não tiraram os olhos de nós. Posto isso, depois da sobremesa — bolo com doce de groselha, bem bom! — mandaram-nos logo para a cama.

O nosso chefe de equipa foi ter connosco ao nosso barracão, perguntou-nos se estávamos em forma, e depois disse-nos que tratássemos de adormecer bem depressa, porque íamos precisar de todas as nossas forças.

— Para quê, chefe? — perguntou o Calisto.

— Depois logo veem — respondeu o chefe, e deu-nos boa-noite e apagou a luz.

Eu cá sentia que esta noite era diferente das outras e vi logo que não ia conseguir adormecer. Acontece-me sempre isto, quando me enervo antes de ir para a cama.

Acordei num sobressalto ao ouvir os gritos e as apitadelas.

— Jogo noturno! Jogo noturno! Concentração para o jogo noturno! — gritavam lá fora.

Sentámo-nos todos na cama, menos o Guadalberto, que não tinha ouvido nada e estava a dormir, e o Paulino, que tinha apanhado um susto e chorava debaixo do cobertor e fazia «Hum-hum-hum», embora não o víssemos. Mas nós, que já o conhecíamos, sabíamos que ele estava a choramingar, que queria voltar para casa, que é o que ele faz sempre.





Nisto, abriu-se a porta do barracão e entrou o nosso chefe. Acendeu a luz e mandou-nos vestir depressinha, para irmos à concentração para o jogo noturno, recomendando que nos agasalhássemos bem com as camisolas. Nessa altura, o Paulino deitou a cabeça de fora do cobertor e pôs-se a gritar que tinha medo de sair à noite, que os pais nunca o deixavam sair à noite.

— Está bem — disse o nosso chefe. — Então, ficas aqui.

Ora, o Paulino levantou-se e foi o primeiro a ficar pronto para sair, porque disse que tinha medo de ficar sozinho no barracão e que ia fazer queixa ao pai e à mãe.

Fizemos a concentração no meio do acampamento; como era muito tarde e fazia muito escuro, tinham acendido as luzes, mas mesmo assim via-se mal.

O Sr. Quintas estava à nossa espera.

— Olhem, meninos, vamos fazer um jogo noturno — disse ele. — O senhor Calvão, que é o nosso administrador, foi à frente com uma bandeirola. Vocês têm de o encontrar e trazer a bandeirola para o acampamento. Vão funcionar por equipas, e a equipa que trouxer a bandeirola terá direito a uma ração suplementar de chocolate. O senhor Calvão deixou algumas indicações que poderão ajudar-nos a encontrá-lo mais facilmente. Ora ouçam: «Parti para a China, e diante de um monte de três pedregulhos brancos...» Importam-se de não fazer barulho enquanto falo?

O Bertino guardou o apito no bolso e o Sr. Quintas prosseguiu:

— «... e, diante de um monte de três pedregulhos brancos, mudei de opinião e fui para a floresta. Mas, para não me perder, fiz como o Polegarzinho e...» Pela última vez, quer ou não quer parar de brincar com esse apito?

— Oh, desculpe, senhor Quintas — disse um chefe de equipa —, pensei que já tivesse terminado.

O Sr. Quintas deu um grande suspiro e disse:

— Bom. Aí têm as indicações que poderão ajudar-nos a encontrar o senhor Calvão e a bandeirola, se derem provas de habilidade, de perspicácia e de iniciativa. Mantenham-se agrupados por equipas, e que ganhe o melhor. Podem ir.

E os chefes de equipa deram uma série de apitadelas, toda a gente se pôs a

correr de um lado para o outro, mas sem sair do acampamento, porque ninguém sabia para onde ir.

Estávamos radiantes; brincar assim, de noite, é uma aventura incrível.

— Vou buscar a minha lanterna — gritou o Calisto. Mas o nosso chefe de equipa chamou-o.

— Não se dispersem. Reúnam-se e discutam a forma de iniciar a pesquisa. E despachem-se, senão deixam que seja outra equipa a passar-vos à frente.

Neste ponto, acho que não havia nada a reear, porque todos corriam e gritavam, mas ninguém tinha ainda saído do acampamento.

— Vá lá, toca a pensar — disse o nosso chefe de equipa. — O senhor Calvão disse que ia para a China. Em que direção fica esse país do Oriente?

— Eu tenho um atlas da China — disse o Crispim. — Deu-mo a minha tia Rosália nos anos. Eu cá preferia uma bicicleta.

— Eu tenho uma bicicleta porreira lá em casa — disse o Bertino.

— De corridas? — perguntei eu.

— Não lighes — atalhou o Crispim. — São só tretas!

— E a chapada que vais levar, também é treta? — perguntou o Bertino.

— A China fica a leste! — gritou o nosso chefe de equipa.

— E o leste fica onde? — perguntou um miúdo.

— Ó chefe! — gritou o Calisto. — Este tipo não é dos nossos! É um espião!

— Não sou nada um espião — berrou o miúdo. — Sou da equipa dos Águias, que é a melhor equipa da colónia!

— Então, junta-te à tua equipa — disse o nosso chefe.



— Mas é que eu não sei onde ela está — respondeu o miúdo, e começou a chorar.

O puto era parvo, porque a equipa dele não devia estar muito longe, visto que ainda ninguém saíra do acampamento.

— De que lado se ergue o Sol? — perguntou o nosso chefe de equipa.

— Do lado do Guadalberto, que tem a cama ao pé da janela! Ele até se queixa que isso o incomoda — disse o Jonas.

— Chefe! — gritou o Crispim. — Falta o Guadalberto!

— É verdade — disse o Bertino —, ele não acordou. É um dorminhoco, o Guadalberto. Vou chamá-lo.

— Despacha-te! — gritou o chefe.

O Bertino foi a correr e depois voltou e disse que o Guadalberto tinha sono e não queria vir.

— Pior para ele — disse o chefe. — Bom, já perdemos muito tempo.

Mas como ninguém tinha saído do acampamento, não tinha muita importância.

Entretanto, o Sr. Quintas, que tinha ficado em pé no meio do acampamento, pôs-se a gritar:

— Silêncio! Chefes de equipa, mantenham a ordem! Reúnam os grupos para o jogo começar!

Foi uma trabalhadeira dos diabos, porque, no escuro, tínhamo-nos misturado uns com os outros. Na nossa equipa havia um dos Águias e dois dos Bravos. O Paulino foi logo detetado entre os Sioux, porque lhe reconhecemos o choro.

O Calisto tinha ido espionar os que andavam à procura do chefe de equipa deles.

Estávamos muito animados, e às tantas começou a chover desalmadamente.

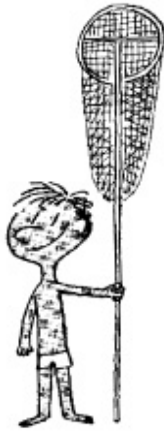
— O jogo fica cancelado! — gritou o Sr. Quintas. — As equipas devem regressar aos barracões.

Essa ordem foi logo cumprida, porque felizmente ainda ninguém saíra do acampamento.

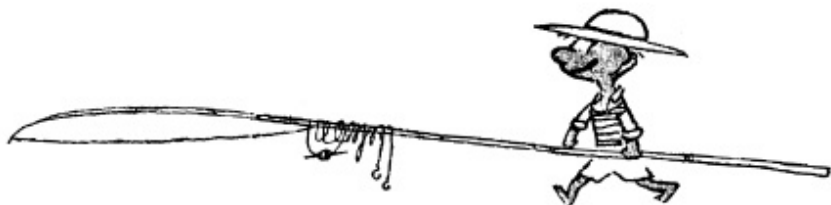
Quanto ao Sr. Calvão, vimo-lo chegar no dia seguinte de manhã, com a sua bandeirola no carro do quinteiro que é dono do laranjal. Mais tarde, disseram-nos que o Sr. Calvão se escondera no pinhal. E depois, quando começou a chover, ele fartou-se de estar à espera e quis voltar para o acampamento. Mas perdeu-se no bosque e caiu numa vala cheia de água. Nessa altura, desatou aos gritos, e o cão do quinteiro pôs-se a ladrar. E foi assim que o quinteiro conseguiu encontrar o Sr. Calvão e o levou para a quinta, para ele se secar e passar a noite.

O que ninguém nos disse foi se deram ao quinteiro a ração suplementar de chocolate. Ele tinha direito!





«A pesca à linha exerce uma inegável ação calmante...» Estas breves linhas, lidas numa revista, impressionaram bastante Gerardo Soeiro, o chefe da equipa Olho de Lince, que passou uma noite deliciosa a sonhar com doze meninos imóveis e silenciosos, vigiando atentamente o ondular de doze boias nas águas calmas...



## A sopa de peixe

Hoje de manhã, o nosso chefe de equipa entrou no barracão e disse-nos:

— Malta! Em vez de irmos com os outros ao banho, não gostavam mais de ir à pesca, para variar?

— Gostávamos! — respondemos todos. Quase todos, porque o Paulino não disse nada, está sempre desconfiado e quer voltar para casa. O Guadalberto também não disse nada. Ainda estava a dormir.

— Bom — disse o nosso chefe. — Já avisei o cozinheiro. Disse-lhe que íamos trazer peixe para o almoço. É a nossa equipa que vai oferecer a sopa de peixe a todo o acampamento. Assim as outras equipas ficam a saber que a equipa Olho de Lince é a melhor de todas. Pela equipa Olho de Lince»... hip, hip...

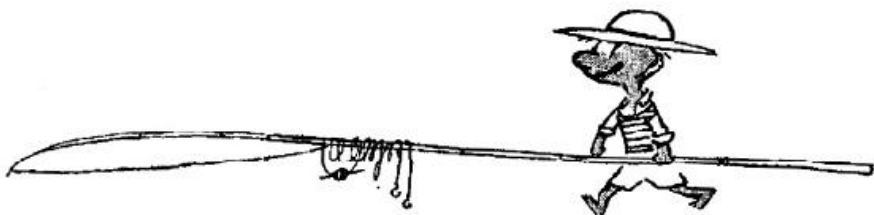
— Hurra! — gritámos todos, menos o Guadalberto.

— E o nosso lema é...? — perguntou o nosso chefe.

— Coragem! — respondemos todos, e até o Guadalberto, que tinha acabado de acordar.

Depois da concentração, enquanto os outros se dirigiam para a praia, o Sr. Quintas, diretor do acampamento, distribuiu-nos canas de pesca e uma lata velha, cheia de minhocas.

— Não venham muito tarde, para eu ter tempo de preparar a sopa — disse o cozinheiro a rir. Está sempre a brincar, e nós gostamos muito dele. Quando vamos à cozinha, ele começa a gritar: «Rua, sua corja de pedinchões! Vou já expulsar-vos com este colherão da sopa! Vão ver!» E depois dá-nos biscoitos.



Lá fomos, com as canas de pesca e as minhocas, até que chegámos à ponta do molhe. Só lá estava um senhor gordo com um chapelinho branco. Estava a pescar e não pareceu satisfeito por nos ver chegar.

— Antes de mais, para pescar, é preciso silêncio, senão os peixes assustam-se e fogem — disse o nosso chefe. — Nada de imprudências, não quero que ninguém caia à água! Mantenham-se em grupo! É proibido descer às rochas! Cuidado, para não se picarem nos anzóis!

— Ainda não acabou? — perguntou o senhor gordo.

— Como? — perguntou o nosso chefe, muito espantado.

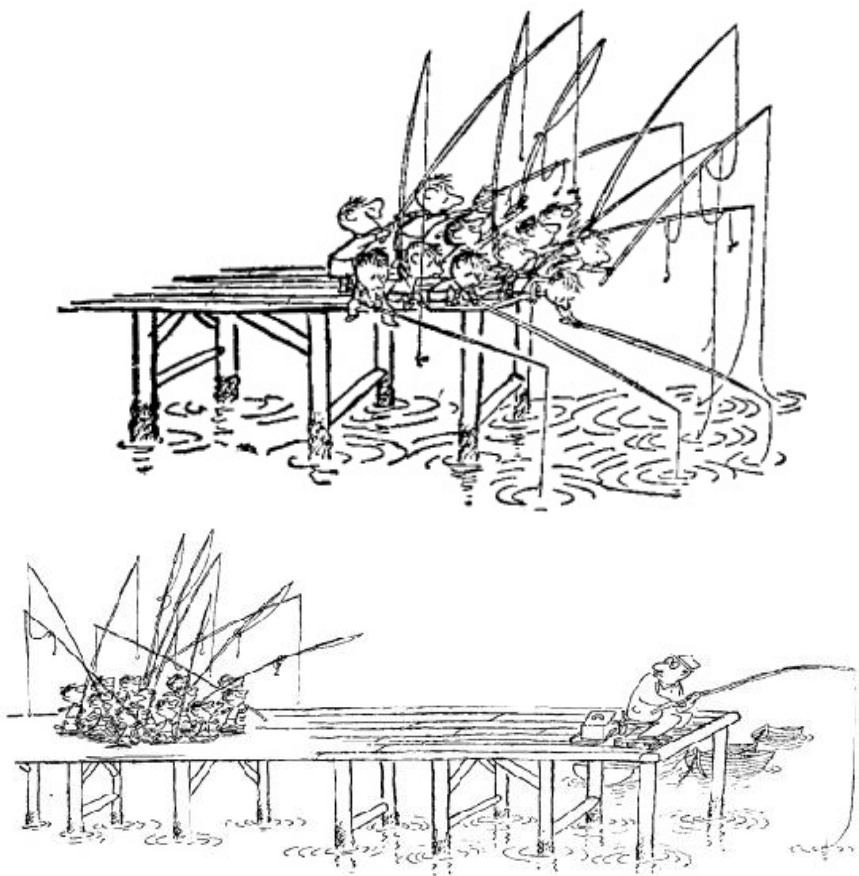
— Pergunto se ainda não acabou de berrar como um vitelo — disse o senhor gordo. — A gritar dessa maneira, até uma baleia se assustava!

— Há baleias aqui? — perguntou o Bertino.

— Se há baleias, vou-me embora — declarou o Paulino, e começou a chorar, a dizer que tinha medo e que queria voltar para casa. Mas não se foi embora; quem se foi embora foi o senhor gordo, e ainda bem, porque assim ficámos à vontade, sem ninguém a incomodar-nos.

— Quem é que já foi à pesca? — perguntou o nosso chefe.

— Eu — disse o Atanásio. — No ano passado pesquei um peixe deste tamanho! — E abriu os braços o mais que pôde. Nós fartámo-nos de gozar, porque o Atanásio é um grande mentiroso. É o mais mentiroso de todos nós.



— És um mentiroso — disse-lhe o Bertino.

— E tu és um parvo e um invejoso — respondeu o Atanásio. — O peixe

era deste tamanho! — E o Bertino aproveitou ele estar de braços abertos para lhe pregar uma estalada.

— Quietos, vocês os dois, senão proíbo-vos de pescar! Entendido? — gritou o chefe. O Atanásio e o Bertino ficaram quietos, mas o Atanásio ainda disse que havíamos de ver o peixe que ele ia pescar, ora essa!, e o Bertino disse que tinha a certeza de que o peixe dele havia de ser o maior de todos.

O chefe explicou-nos como se enfiava uma minhoca no anzol. «Tenham muito cuidado para não se picarem no anzol!» Todos tentámos fazer como o chefe, mas não era nada fácil, e o chefe ajudou-nos, sobretudo ao Paulino, que tinha medo das minhocas e que perguntou se elas mordiam. Assim que lhe puseram uma minhoca no anzol, o Paulino deitou logo a linha à água, para ficar o mais longe possível dela. Já tínhamos todos deitado a linha à água, exceto o Atanásio e o Bertino, que tinham embaraçado as linhas, e o Guadualberto e o Calisto, que estavam entretidos a fazer uma corrida de minhocas no molhe.

— Olhem bem para as vossas boias — recomendou o chefe.

Nós bem olhávamos para as boias, mas não acontecia nada, até que o Paulino deu um grito, levantou a cana e havia um peixe na ponta da linha.

— Um peixe! — gritou o Paulino. — Mamã! — E largou a cana, que caiu nas rochas.

O chefe pôs as mãos na cara, olhou para o Paulino, que estava a chorar e disse:

— Esperem aqui, eu vou buscar a cana deste pequeno... deste pequeno desastrado.

O chefe desceu até às rochas, que é uma coisa perigosa porque é muito escorregadio, mas tudo correu bem, só houve uma trapalhada quando o Crispim desceu também para ajudar o chefe e escorregou e caiu à água, mas o chefe conseguiu agarrá-lo, e gritou tanto, o chefe, que lá ao longe, na praia, houve gente que se levantou para ver o que era.



Quando o chefe entregou a cana ao Paulino, já não havia peixe nenhum na ponta da linha. Mas o que fez o Paulino ficar verdadeiramente feliz foi

também já não haver minhocas. E ele concordou em continuar a pescar, desde que não lhe puséssemos nenhuma minhoca no anzol.

O primeiro peixe foi o Guadalberto que o pescou. Estava mesmo nos seus dias: ganhara a corrida de minhocas e agora tinha apanhado um peixe. Fomos todos ver. O peixe não era lá muito grande, mas, mesmo assim, o Guadalberto estava muito orgulhoso e o chefe felicitou-o. Depois disso, o Guadalberto declarou que não pescava mais, porque já tinha o seu peixe. Deitou-se no molhe e adormeceu. O segundo peixe, nem imaginam quem foi que o pescou! Fui eu! Um peixe formidável! Incrível, mesmo! Um bocado mais pequeno do que o do Guadalberto, mas muito razoável. O pior é que o chefe feriu-se no dedo ao tirar o anzol (tem piada, eu estava mesmo a ver que isto lhe ia acontecer). Se calhar foi por isso que o chefe disse que era altura de voltarmos. O Atanásio e o Bertino protestaram, porque ainda não tinham conseguido desembaraçar as linhas deles.

Quando fomos entregar os peixes ao cozinheiro, estávamos um bocado atrapalhados, porque dois peixes para fazer sopa para todo o acampamento talvez fosse pouco. Mas o cozinheiro riu-se e disse que estava ótimo, que era justamente aquilo que ele precisava. E, para nos recompensar, deu-nos biscoitos.

O cozinheiro é mesmo porreiro! A sopa estava muito boa e o Sr. Quintas gritou:

— Pela equipa Olho de Lince... hip... hip...

— Hurra — gritou toda a gente, e nós também, porque estávamos muito orgulhosos.

Mais tarde perguntei ao cozinheiro como é que a sopa tinha tantos peixes e tão grandes. Então ele pôs-se a rir e explicou-me que os peixes incham com a cozedura. E, como é porreiro, deu-me uma fatia de pão com doce.







Caros senhores:

O Crispim está ótimo e tenho o prazer de vos dizer que estamos muito satisfeitos com ele. É uma criança perfeitamente adaptada e dá-se muito bem com os companheiros. Talvez tenha por vezes uma certa tendência para armar em «duro» (passe a expressão). Quer que os outros o considerem um homem e um chefe. Dinâmico, com um apurado sentido de iniciativa, o Crispim exerce uma grande influência junto dos companheiros, que, inconscientemente, admiram o seu equilíbrio. Tenho muito prazer em receber-vos quando passarem por aqui...

(Extrato de uma carta do Sr. Quintas aos pais do Crispim.)



## O Crispim tem visitas

A colónia de férias Acampamento Azul é ótima. Há muitos meninos e divertimo-nos imenso. O único inconveniente é os nossos pais não estarem cá. Oh, é claro que escrevemos muitas cartas, os nossos pais, as nossas mães e nós. Nós contamos o que fazemos, dizemos que nos portamos bem, que comemos tudo, que nos divertimos e que lhes mandamos muitos beijos, e eles respondem a dizer que devemos ser prudentes e mandam-nos muitos beijos. Mas não é a mesma coisa que estarmos com eles.

Por isso é que o Crispim teve uma sorte dos diabos. Tínhamos acabado de nos sentar para almoçar quando o Sr. Quintas, o diretor da colónia, entrou com um grande sorriso estampado no rosto e disse:

— Crispim, tenho uma boa surpresa para ti. Os teus pais vieram visitar-te.

E nós saímos todos para ir ver. O Crispim saltou para os braços da mãe, depois para os do pai, beijou-os, eles disseram que ele estava mais crescido e muito bronzado. O Crispim perguntou-lhes se tinham trazido o comboio elétrico, e pareciam felizes por se encontrarem. E depois o Crispim disse ao pai e à mãe:

— Estes são os meus amigos. Este é o Bertino, aquele é o Nicolau, e o Guadalberto, o Paulino, e o Atanásio, e os outros, e este é o nosso chefe de equipa, e este é o nosso barracão, e ontem apanhei imensos camarões.



— Almoçam connosco, não é verdade? — perguntou o Sr. Quintas.

— Não queremos incomodar — disse o pai do Crispim. — Estamos só de passagem.

— Só por uma questão de curiosidade, gostava de ver o que comem os pequenos — disse a mãe do Crispim.

— Com todo o prazer, minha senhora — respondeu o Sr. Quintas. — Vou prevenir o cozinheiro e pedir duas refeições suplementares.



E voltámos todos para o refeitório.

Os pais do Crispim ficaram na mesa do Sr. Quintas, com o Sr. Calvo, que é o nosso administrador. O Crispim ficou connosco, estava todo orgulhoso e perguntou-nos se tínhamos visto o carro do pai. O Sr. Quintas disse aos pais do Crispim que no acampamento todos gostavam muito dele, que ele era um rapazinho cheio de iniciativa e de dinamismo. E depois começámos a comer.

— Mas isto é ótimo! — declarou o pai do Crispim. — É uma comida simples, mas abundante e saudável — disse o Sr. Quintas.

— Tira a pele da tua salsicha e mastiga bem — gritou a mãe do Crispim ao Crispim.

O Crispim parece que não gostou que a mãe tivesse dito aquilo, talvez porque ele já tinha comido a salsicha com pele. Diga-se que, para comer, o Crispim tem um dinamismo dos diabos. Entretanto, veio o peixe.

— É muito melhor do que no hotel em que estivemos, na Costa Brava — explicou o pai do Crispim. — Lá o azeite...

— Olha as espinhas! Cuidado com as espinhas! — gritou a mãe do Crispim. — Lembra-te de como choraste lá em casa, quando engoliste uma!

— Não chorei nada! — disse o Crispim, e ficou muito corado. Parecia ainda mais queimado do sol.

Veio a sobremesa, um leite-creme muito bom, e depois o Sr. Quintas declarou:

— Depois de comermos, costumamos cantar umas cantigas.

E então o Sr. Quintas levantou-se e disse:

— Atenção, meninos!

Levantou os braços e cantámos aquela que diz que há pedras em todos os caminhos, e depois a outra, do barquinho, em que se tira à sorte para saber quem é que vai ser comido, olaré!, e o pai do Crispim, que parecia estar muito divertido, também cantou connosco. É muito bom nos olarés. Quando acabámos, a mãe do Crispim pediu ao Crispim:

— Querido, canta aquela do baloiço!

E explicou ao Sr. Quintas que o Crispim cantava aquilo quando era pequenino, antes de o pai ter insistido em que lhe cortassem o cabelo, o que foi pena, porque ele era muito bonito, cheio de caracóis. Mas o Crispim não quis cantar, disse que já não se lembrava, e a mãe quis ajudá-lo:

— Upa, upa, o baloicinho...

Mas, mesmo assim, o Crispim não quis, e ficou zangado por o Bertino estar a rir. E então o Sr. Quintas disse que eram horas de nos levantarmos da mesa.

Sáímos do refeitório, e o pai do Crispim perguntou o que é que costumávamos fazer a esta hora.

— Fazem a sesta — respondeu o Sr. Quintas. — É obrigatório. Têm de descansar.

— É muito sensato — disse o pai do Crispim.

— Eu não quero fazer a sesta — declarou o Crispim. — Quero ficar com o meu pai e a minha mãe!

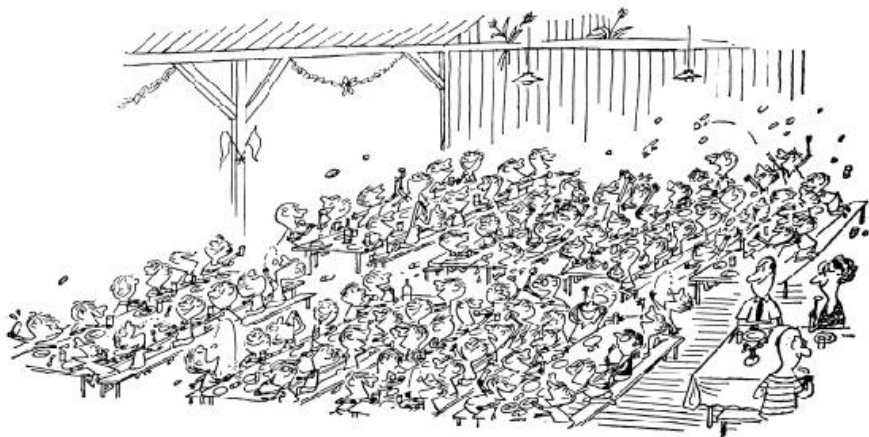
— Claro, meu querido — disse a mãe dele. — Tenho a certeza de que o senhor Quintas pode abrir hoje uma exceção para ti.

— Se ele não faz a sesta, eu também não faço! — declarou o Bertino.

— Quero lá saber se fazes a sesta ou não — respondeu o Crispim. — Eu cá é que não faço!

— E porque é que não fazes a sesta, vamos lá saber? — perguntou o Atanásio.

— Sim — disse o Calisto. — Se o Crispim não faz a sesta, ninguém faz!



— E porque é que eu não hei de fazer a sesta? — perguntou o Guadualberto. — Eu cá tenho sono, tenho o direito de fazer a sesta, mesmo que este palerma a não faça!

— Queres levar um estalo? — perguntou o Calisto. Então, o Sr. Quintas, que de repente pareceu ficar zangado, disse:

— Silêncio! Toda a gente faz a sesta! Acabou-se!

Então o Crispim começou a gritar, a chorar, a fazer uma série de gestos

com as mãos e com os pés, e nós ficámos um tanto surpreendidos, porque geralmente o Paulino é que costuma fazer aquilo. O Paulino é um puto que passa o tempo a chorar e a dizer que quer voltar para casa, mas agora estava calado, de tal forma estava espantado por ver alguém chorar sem ser ele.

O pai do Crispim estava muito embaraçado.

— De qualquer forma, temos de ir já embora, se quisermos chegar ainda esta noite — disse ele.

A mãe do Crispim disse que, realmente, era melhor. Beijou o Crispim, deu-lhe muitos conselhos, prometeu-lhe imensos brinquedos e depois despediu-se do Sr. Quintas.

— Gostei muito da sua colónia de férias — disse ela. — Só acho que, longe dos pais, as crianças ficam um pouco nervosas. Era bom que os pais as visitassem regularmente, isso acalmava-as, dava-lhes um certo equilíbrio familiar.

E depois fomos todos fazer a sesta. O Crispim tinha parado de chorar, e se o Bertino não tivesse dito: «Querido, canta-nos aquela do baloicinho», acho que não tínhamos desatado todos à pancada.





As férias estão a acabar, e vai ser preciso deixar a colónia. É triste, claro, mas as crianças consolam-se ao pensarem que os pais vão ficar muito contentes por as tornarem a ver. E, antes da partida, houve um grande serão de despedida no Acampamento Azul. Cada equipa deu mostras do seu talento. A do Nicolau encerrou a festa fazendo uma pirâmide humana. No vértice da pirâmide, um dos jovens ginastas agitou a bandeira da equipa Olho de Lince, e toda a gente gritou a palavra de ordem: «Coragem!».

Coragem que todos tiveram no momento da despedida, exceto o Paulino, que chorava e berrava porque queria ficar no acampamento.



## Recordações de férias

**R**egressei de férias. Estive numa colónia, e foi muito bom.

Quando o comboio chegou à estação, havia imensos pais e mães à nossa espera. Era uma coisa infernal. Toda a gente aos gritos, uns choravam porque ainda não tinham encontrado os pais, outros riam porque os tinham encontrado, os chefes de equipa que nos acompanhavam apitavam para nos mantermos em fila, os empregados da estação apitavam para os chefes de equipa pararem de apitar, pois tinham medo que eles fizessem partir os comboios; no meio disto tudo vi o meu pai e a minha mãe, e foi tão bom que nem sou capaz de descrever. Saltei para os braços da minha mãe, depois para os do meu pai, beijámo-nos, eles disseram que eu tinha crescido, que estava queimado, e a minha mãe tinha os olhos molhados e o meu pai ria baixinho, dizia «eh,eh» e fazia-me festas no cabelo, eu comecei a contar-lhes as minhas férias, saímos da estação, e o meu pai perdeu a minha mala.

Gostei de voltar a entrar em casa, cheira bem, e depois há o meu quarto com os brinquedos, e a minha mãe foi fazer o almoço, e é porreiro, porque na colónia comia-se bem, mas a minha mãe cozinha melhor do que toda a gente, e mesmo quando um bolo lhe sai mal, apesar de tudo, é melhor do que seja o que for que alguma vez se tenha comido. O meu pai sentou-se no sofá para ler o jornal e eu perguntei-lhe:

— E agora, o que é que eu faço?

— Não sei — respondeu o meu pai. — Deves estar cansado da viagem. Vai para o teu quarto descansar.

— Mas eu não estou cansado — protestei.

— Então vai brincar — disse o meu pai.

— Com quem? — perguntei eu.

— Com quem, com quem! Ora, que pergunta! — respondeu o meu pai. — Com ninguém, essa é boa!

— Mas eu não sei brincar sozinho — disse eu. — Não é justo. Na colónia havia muitos meninos e havia sempre coisas para fazer.

Então, o meu pai pôs o jornal nos joelhos, abriu muito os olhos e fez cara de mau e disse:

— Isto aqui não é a colónia de férias, portanto, fazes o favor de ir brincar sozinho!

E eu comecei a chorar, a minha mãe veio a correr da cozinha e disse:

— Começa bem! — Consolou-me e disse-me que, enquanto esperava pelo almoço, talvez eu pudesse ir brincar para o jardim e convidar a Maria Edviges, que tinha acabado de chegar de férias. Então, eu saí a correr, enquanto a minha mãe conversava com o meu pai. Acho que estavam a falar de mim; estão muito contentes por eu ter voltado.



A Maria Edviges é filha do Sr. e da Sr.<sup>a</sup> Curtaplaca, que são nossos vizinhos. O Sr. Curtaplaca é o chefe da secção de calçado nos armazéns do Pequeno Aforrador, terceiro andar, e às vezes discute com o meu pai. Mas a Maria Edviges é porreirinha, apesar de ser rapariga. E, desta vez, tive mesmo sorte, porque, quando fui para o jardim, vi a Maria Edviges a brincar no jardim dela.

— Olá, Maria Edviges — disse eu. — Queres vir brincar comigo no jardim?

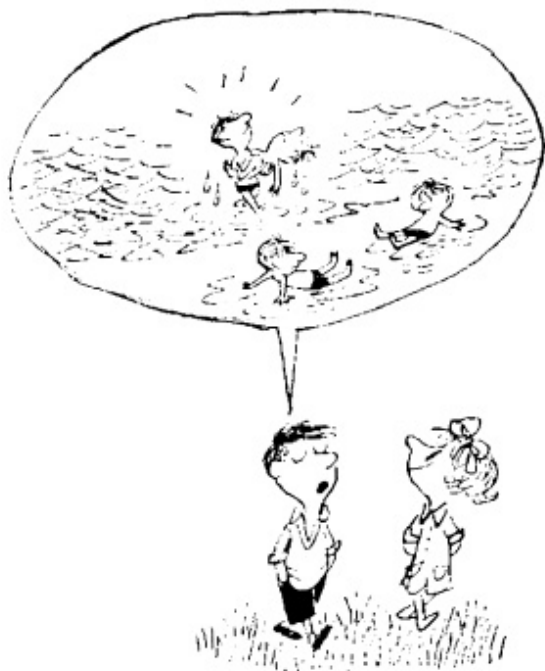
— Quero — respondeu ela, e passou pelo buraco da sebe que o meu pai e o Sr. Curtaplaca não querem arranjar, porque cada um diz que o buraco está no jardim do outro. A Maria Edviges está muito bronzeada desde a última vez que a vi, antes das férias, o que lhe fica muito bem, com os olhos azuis e o cabelo loiro. Não, a sério, memo sendo rapariga, acho que é muito porreira, a Maria Edviges.

— As tuas férias foram boas? — perguntou-me ela.

— Formidáveis! — respondi eu. — Estive numa colónia de férias, havia equipas, e a minha era a melhor, chamava-se Olho de Lince, e eu era o chefe.

— Julguei que os chefes eram crescidos — disse a Maria Edviges.





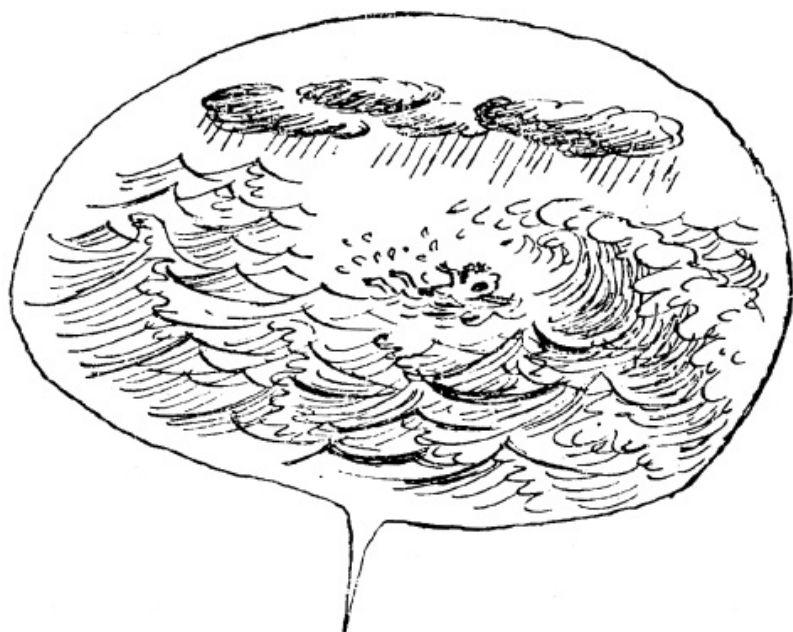
— Pois, mas eu era o ajudante do chefe — disse eu. — Ele não fazia nada sem me consultar. No fundo, quem mandava era eu.

— E havia raparigas na colónia? — perguntou a Maria Edviges.

— Disparate! É evidente que não — respondi eu. — Aquilo é muito perigoso para as raparigas. Fazíamos coisas incríveis, e eu até tive de salvar dois miúdos que estavam a afogar-se.

— Estás a inventar! — disse a Maria Edviges.

— A inventar? — gritei eu. — Olha, nem foram dois, foram três, estava a esquecer-me de um. Além disso, fui eu que ganhei o concurso de pesca; pesquei um peixe deste tamanho! — E abri os braços o mais que pude, e a Maria Edviges pôs-se a rir, como se não acreditasse. Eu não gostei daquilo. Realmente, com as raparigas não se pode falar. Então, contei-lhe aquela vez em que eu tinha ajudado a polícia a apanhar um ladrão que se escondera no acampamento, e aquela vez em que eu tinha nadado até ao farol e voltado, e toda a gente estava preocupada, mas, quando cheguei à praia, todos me tinham felicitado, dizendo que eu era um grande campeão, e também aquela vez em que a malta do acampamento se perdeu na floresta, cheia de animais selvagens, e eu os encontrei.





— Eu cá estive na praia com o meu pai e a minha mãe — disse a Maria Edviges. — Conheci um puto que se chamava Joãozinho e que era formidável a dar cambalhotas...

— Maria Edviges! — gritou a Sr.<sup>a</sup> Curtaplaca da porta de casa. — Vem depressa, o almoço está na mesa!

— Depois conto-te — disse-me a Maria Edviges, e passou a correr pelo buraco da sebe.

Quando entrei em casa, o meu pai olhou para mim e perguntou:

— Então, Nicolau, encontraste a tua amiga? Estás mais bem-disposto?

Mas eu cá não respondi, subi a correr para o meu quarto e dei um pontapé na porta do roupeiro.

Sim, porque afinal para que é que a Maria Edviges se há de pôr a inventar uma data de histórias sobre as férias dela? Para já, não me interessa.

Além disso, o Joãozinho dela é um parvalhão e um feioso!

